

MONICA SOARES

**“Profissionais do sexo na interface com a Educação
Sexual nos horizontes da fenomenologia”**



ARARAQUARA – S.P.
2020

Monica Soares

“Profissionais do sexo na interface com a Educação Sexual nos horizontes da fenomenologia”

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras/ Campus Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Alves de Toledo Bruns

ARARAQUARA – S.P.
2020

Soares, Monica
"Profissionais do sexo na interface com a Educação Sexual nos horizontes da fenomenologia" / Monica Soares – 2020
101 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Maria Alves de Toledo Bruns

1. Prostituição. 2. Educação Sexual. 3. Fenomenologia.
I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

“Profissionais do sexo na interface com a Educação Sexual nos horizontes da fenomenologia”

Trabalho de Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para defesa da Dissertação.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Alves de Toledo Bruns

Data da defesa: 22/06/2020.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, Doutora em Psicologia Educacional Docente e pesquisadora, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Araraquara-SP) e Universidade de São Paulo (USP/Ribeirão Preto-SP).

Membro Titular: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Doutor, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – Docente e pesquisador, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Araraquara-SP).

Membro Titular: Prof. Dr. Roberto Mendes Guimarães, Doutor em Psicologia, Universidade de São Paulo – USP, Docente Universidade Ceuma.

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram no meu caminhar em direção à realização desse sonho.

À Prof.^a Dra. Maria Alves de Toledo Bruns por compartilhar generosamente sua sabedoria, ampliando meus horizontes acerca da fenomenologia e da sexualidade, fomentando meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

Aos meus pais. Edson, por ser um homem admirável e me ensinar que a morte não existe, e Sueli, por ser uma mãe amorosa e uma grande amiga em todas as situações.

Ao meu marido, Iguiberto, por seu carinho, incentivo, compreensão e apoio na realização desse sonho.

À minha irmã, Milene, por acolher as angústias desse momento, sempre com palavras incentivadoras.

À minha amiga Amanda Oliveira, pela amizade e inspiração em diversos momentos da minha vida e ao Instituto As Valquírias – Instituto Espírita Nosso Lar – IELAR, por ter possibilitado vivências fundamentais para quem sou hoje.

Agradeço ao Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP, instituição que acredita em sua equipe. Em especial, agradeço às Prof.^a Dra. Christina Justo, Prof.^a Ma. Juliana Ferrari Spolon e Prof.^a Dra. Mara Pedrinho, por sempre estimularem o que cada um tem de melhor.

Ao querido professor Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro pelas orientações no Exame de Qualificação, por aceitar o convite para compor a Banca de Defesa, pelos ensinamentos, diálogos e escuta. Obrigada!

À Prof.^a Dra. Luci Regina Muzzeti, por aceitar o convite para compor a suplência na Banca de Defesa e por seus ensinamentos durante as aulas.

Ao Dr. Roberto Guimarães, por aceitar o convite para compor a suplência na Banca de Defesa e por ter “conversado” tanto comigo por meio de suas pesquisas acerca da prostituição.

Ao professor Dr. Raul Aragão Martins, por aceitar o convite para também compor a Banca de Defesa e por ser um exemplo de professor, psicólogo, pesquisador que ao ensinar inspira seus alunos com sua atitude humanista. Muito obrigada!

Ao amigo Ms. João Paulo Zerbinatti por ler meus escritos tão prontamente.

Aos meus alunos e alunas que fazem meus dias recompensadores e mais felizes.

Às colaboradoras que corajosamente compartilharam comigo suas histórias.

Aos meus amigos, colegas, funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, por compartilharem essa trajetória.

Muito obrigada!

Mulher da Vida,
Minha irmã.
De todos os tempos.
De todos os povos.
De todas as latitudes.
Ela vem do fundo imemorial das idades
e carrega a carga pesada
dos mais torpes sinônimos,
apelidos e ápodos:
Mulher da zona,
Mulher da rua,
Mulher perdida,
Mulher à toa.
Mulher da vida,
Minha irmã.

(Cora Coralina, Poemas de Goiás e Estórias Mais, p. 201, 1996.)

Resumo

Naturalizar o fenômeno prostituição com o discurso popular de profissão mais antiga do mundo é minimizar a experiência de milhões de pessoas impactadas por essa realidade. Na atualidade, as preocupações com as condições de vulnerabilidade, principalmente das minorias como mulheres negras, pobres e com baixa escolaridade ainda é um fato. A prostituição como escolha profissional é uma possibilidade, ainda que estigmatizada, cuja problemática está na prostituição não como escolha, mas como recurso de subsistência; como oportunidade de acesso ao mundo do consumo, de fuga da violência doméstica e outros contextos decorrentes da desigualdade social. As mudanças ocorridas nos comportamentos sexuais, na educação e no acesso à informação acerca da sexualidade indicavam, para muitos, o fim da prática prostitucional no futuro, realidade que até o momento parece longe de acontecer. A partir dessas reflexões, decidimos pesquisar as profissionais do sexo na interface com a educação sexual a fim de compreender a trajetória de vida dessas mulheres e suas perspectivas. Elegemos o método qualitativo fenomenológico para desvelar o mundo-vida das colaboradoras a partir dos significados e sentidos atribuídos por elas ao fenômeno. Para a construção do diálogo autêntico, a questão norteadora foi: *Conte sobre a educação sexual que recebeu em casa, na escola e/ou em outros locais que frequentou e ainda frequenta, na sua infância, adolescência e até hoje; sobre como foi sua entrada nessa profissão e qual é o seu projeto de vida.* As análises compreensivas das falas foram ancoradas nos saberes de Mauro Martins AmatuZZi, acerca da fala autêntica e do silêncio. A partir das análises das falas, emergiram as seguintes categorias: (1) Vida familiar: infância, puberdade, adolescência e iniciação sexual; (2) Educação sexual: intrafamiliar e extrafamiliar; (3) Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional. (4) Projeto de vida: perspectivas futuras.

Após as análises, compreendemos que um dos principais motivos para a manutenção da prostituição de rua é a desigualdade social e outras questões correlatas e que a educação sexual, especialmente nesse contexto, tem um grande impacto na vida das profissionais do sexo. Esta Dissertação almeja desvelar as vivências das profissionais do sexo na interface com a educação sexual, provocando uma reflexão em direção à desconstrução de preconceitos, discriminação e desigualdades, ampliando os horizontes para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, amorosa e humana para todos e todas.

Palavras-chave: Prostituição. Educação Sexual. Fenomenologia.

Abstract

To naturalize the phenomenon of prostitution with the popular discourse that it is the oldest profession in the world is to minimize the experience of millions of people impacted by this reality. Currently, concerns about the vulnerability, especially of minorities such as women – black and poor women with little schooling – are still a reality. Prostitution as a professional choice is a possibility, even if stigmatized, whose problem lies in prostitution not as a choice, but as a means of subsistence, as an opportunity to access the world of consumption, escape from domestic violence and other realities resulting from social inequality. Changes in sexual behaviors, education, and access to information about sexuality indicated, to many people, the end of the prostitudinal practice in the future, a reality that still seems far from happening. Based on these reflections, we decided to investigate sex workers at the interface with sex education in order to understand the life trajectory of these women and their perspectives. We chose the phenomenological qualitative method to unveil the collaborators' world-life from the meanings and senses attributed by them to the phenomenon. For the construction of authentic dialogue, the guiding question was: *Tell about the sex education you received at home, at school and/or in other places you've attended and still attend, in your childhood, adolescence and until today; about your entry into this profession; and what your life project is.* A comprehensive analysis of the statements was anchored in the knowledge of Mauro Martins AmatuZZi, about authentic speech and silence. From the analysis of the statements, the following categories emerged: (1) Family life: childhood, puberty, adolescence and sexual initiation; (2) Sex education: intra-family and extra-family; (3) Prostitution: work and the prostitudinal environment; (4) Life project: future perspectives. After the analysis, we understand that one of the main reasons for the maintenance of street prostitution is social inequality and other related issues and that sex education, especially in this context, has a great impact on the lives of sex workers. This thesis aims to unveil the experiences of sex professionals in the interface with sex education, triggering reflection upon the deconstruction of prejudice, discrimination and inequalities, expanding the horizons for the construction of a more just, egalitarian, loving and human society for all.

Keywords: Prostitution. Sex Education. Phenomenology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Perfil das Colaboradoras

41

SUMÁRIO

1 TRAJETÓRIA DA AUTORA: apresentação pré-reflexiva	11
2 PROSTITUIÇÃO: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA	17
2.1 Pré-História	17
2.2 Antiguidade	19
2.3 Idade Média	25
2.4 Idade Moderna	26
2.5 Idade Contemporânea	26
2.6 Prostituição no Brasil e nos horizontes da atualidade	28
3 A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA HUMANISTA DE MAURO MARTINS AMATUZZI	31
4 PESQUISA QUALITATIVA NA METODOLOGIA FENOMENOLÓGICA	38
4.1 O caminhar da pesquisa: acesso às colaboradoras	39
4.2 Perfil das colaboradoras	41
5 ANÁLISES COMPREENSIVAS: Nos horizontes do mundo da vida de profissionais do sexo	43
Colaboradora Gabriela	45
Colaboradora Risoleta	50
Colaboradora Teresa	53
Colaboradora Elisabeth	57
Colaboradora Sally	61
Colaboradora Lucia	65
Colaboradora Geni	68
Colaboradora Ana Jacinta	70
Colaboradora Maria	73
Colaboradora Eny	77
6 Profissionais do Sexo na interface com a Educação Sexual nos horizontes da fenomenologia:	80
Desvelando os Significados e Sentidos	
7. HORIZONTES	90
Referências	93
Anexo A	96
Anexo B	97
Anexo C	98
Anexo D	99
Anexo E	101

1 A TRAJETÓRIA DA AUTORA: apresentação pré-reflexiva

O desejo de compreender o mundo da vida de profissionais do sexo motivou minha realização dessa pesquisa. No entanto, o sonho de realizar uma pós-graduação em nível mestrado acerca da sexualidade começou muito antes. O interesse pela pesquisa e docência surgiu durante a graduação em Psicologia na Universidade Paulista – UNIP, de 1998 a 2003.

No ano de 1999, fui aprovada no Programa de Monitoria nas disciplinas: Teoria da Personalidade I e II, ministradas pela Prof.^a Sandra Mara Grisi, psicanalista membro do Sedes Sapientiae¹. Durante a monitoria, realizei diversas atividades como auxiliar alunos com dificuldades em plantões de dúvidas, leituras, resumos e fichamentos de livros e artigos científicos. Buscando conhecer mais sobre a pesquisa acadêmica, colaborei voluntariamente, no período de 2000 a 2001, acompanhando as entrevistas e transcrevendo-as, na pesquisa de campo da tese de doutorado intitulada “A representação espacial infanto-juvenil: as relações entre a geometria axiomática e a geometria vivida” (UNESP), da Prof.^a Dra. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi, orientada pelo Prof. Doutor Raul Aragão Martins. Ainda nesse período, realizei diversos estágios nas áreas escolar e social. O convívio e o relacionamento tão especiais com esses profissionais despertaram em mim o sonho de um dia me tornar professora e pesquisadora.

Em agosto de 2003, assumi a coordenação do Programa Escola da Família, do Governo Estadual e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em uma escola na cidade de São José do Rio Preto-SP, função que desempenhei até agosto de 2004. O Programa tinha como objetivo promover atividades com as comunidades, dentro das escolas aos finais de semana, norteadas pelos eixos: esportes, cultura, qualificação para o trabalho e saúde.

Nesse mesmo período, atuei como psicóloga escolar nos colégios Sistema Educacional Tristão de Athayde (SETA) e Curso Oswaldo Cruz (COC), ambos na cidade de São José do Rio Preto.

Essas experiências fizeram com que me interessasse ainda mais pelos meandros da sexualidade, pois observei que questões relacionadas ao fenômeno eram frequentes, prestado.

¹ Instituto Sedes Sapientiae é uma instituição sem fins lucrativos, criada em 1977, que desenvolve cursos credenciados pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) nas áreas da saúde mental, educação e filosofia. É reconhecido pela excelência na formação em diversas áreas, em especial na psicanálise. <http://sedes.org.br/site/instituto-sedes-sapientiae> .

independentemente do local, do público atendido ou do tipo de atendimento. Diante dessa observação, a fim de iniciar meus estudos a respeito da sexualidade, ingressei no curso de Pós-graduação “*Lato Sensu*” Sexualidade: Terapia Sexual e Orientação, oferecido pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, FAMERP, no período de 2004 a 2006. No primeiro ano da especialização, desenvolvi o estudo “A História da Prostituição no Brasil” e, como trabalho de conclusão, a monografia “Relação entre consumo de substâncias psicoativas e comportamento sexual de risco em alunos de universidade pública, uma pesquisa qualitativa”.

No entanto, apesar da enorme satisfação na área, por motivos pessoais precisei me afastar do caminho da carreira acadêmica e iniciei na área de Gestão de Pessoas, área na qual trabalhei por 10 anos (2004 a 2014), atuando em grandes empresas de âmbito nacional e internacional, entre elas a Fundação Pio XII (Hospital do Câncer de Barretos). A atuação na Psicologia Organizacional provocou diversas reflexões e curiosidades acerca da escolha profissional, projeto de vida e carreira. Interesse que nutro até hoje.

Após todos esses anos, em 2014, finalmente tive a oportunidade de retomar a tão sonhada carreira docente, iniciando minhas atividades como docente na União das Faculdades dos Grandes Lagos – UNILAGO (2014-2017). Em outubro de 2014, também iniciei como psicóloga social no Projeto Social Instituto “As Valquírias” (IAV), ambos em São José do Rio Preto-SP, no qual permaneci até dezembro de 2017, quando assumi função voluntária na diretoria do IAV, função que continuo realizando até hoje.

O Instituto “As Valquírias”² atende crianças e adolescentes de 06 a 14 anos e 11 meses, encaminhadas pelo Conselho Tutelar ou vindos por demanda espontânea, priorizando os graus de vulnerabilidade e risco social. O objetivo do Instituto é oferecer um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos a fim de promover ações socioeducativas junto às crianças, aos adolescentes e seus familiares, possibilitando a convivência familiar e comunitária, e estimulando a capacidade protetiva das famílias por intermédio do desenvolvimento de potencialidades. Atuando na formação para cidadania, na prevenção do abuso, violência e exploração sexual, e no fortalecimento dos vínculos familiares rompendo com os paradigmas desta realidade vivida ampliando os horizontes.

² “As Valquírias” é um projeto social, que conquistou o respeito e apoio de diversas fontes de financiamento, como o Ponto de Cultura (parceria do Governo Federal), Projeto Criança Esperança (parceria com a UNESCO e Rede Globo), Prefeitura Municipal (Secretarias de Assistência Social) e empresas privadas. Está localizado à Rua Paschoal Decrescenzo, 599 – Jardim Paraíso, São José do Rio Preto, São Paulo. <http://institutoasvalquirias.com.br>

No ano de 2018, iniciei minhas atividades como docente em diversas disciplinas nos cursos de Psicologia, Educação Física, Arquitetura e Urbanismo, entre outros, no Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP. Concomitante à docência, assumi a função de Responsável Técnica em Psicologia da Clínica-Escola nas Clínicas Integradas – UNIRP, realizando atendimentos à comunidade acadêmica, orientação de estágios, projetos de extensão a comunidade e outras atividades pertinentes à função. Em 2019, fui convidada para compor o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da mesma Instituição, funções que continuo desempenhando até o momento.

Durante essa trajetória, surgiram muitos questionamentos sobre como seria a vida, a educação e os sonhos das mulheres profissionais do sexo que buscavam o IAV pelos mais variados motivos, como orientação sobre como lidar com seus filhos, dificuldades financeiras, relacionamentos afetivos, ajuda no enfrentamento de situações de conflitos, violência doméstica, auxílios diversos nas áreas de saúde, educação e orientações a respeito de cursos e eventos oferecidos à comunidade pelo Instituto.

Em 2016, com o intuito de aprofundar meus estudos em sexualidade, principalmente relativos à vida de profissionais do sexo, procurei a Prof.^a Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, que me informou a respeito de sua colaboração como docente e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Educação Sexual, no curso de mestrado profissional da Faculdade Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP campus de Araraquara-SP, criado em 2013 e coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

Importante informar ao leitor que a docente e pesquisadora Dra. Maria Alves de Toledo Bruns desenvolve seu projeto de pesquisa: “O sujeito, sexualidade e diversidade afetiva sexual: paradigmas em trânsito” ancorado à linha de pesquisa: “*Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores*”³, na qual os projetos de seus orientandos são executados. Os orientandos desse programa são integrantes do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida/USP-CNPq, coordenado pela Dra. Maria Alves de Toledo Bruns. É possível conhecer as teses e dissertações, livros, artigos científicos e de divulgação acessando o site: www.sexualidadevida.com.br, que disponibiliza toda a produção acadêmica para a sociedade.

Com essa informação, acessei o www.fclar.unesp.br, no qual obtive informações sobre

³Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. <https://www.fclar.unesp.br/#!/pos-graduacao/stricto-sensu/educacao-sexual/linhas-de-pesquisa/>

o processo seletivo do Programa de Pós-graduação em Educação Sexual no primeiro semestre de 2017 ao qual me submeti, tendo sido aprovada em julho do mesmo ano como aluna regular. Nesse período, realizei várias supervisões com Maria Alves acerca do pré-projeto intitulado “Educação Sexual de adolescentes filhas/os de Mães Profissionais do Sexo, na perspectiva fenomenológica”. No decorrer das supervisões, ponderamos as dificuldades em desenvolver esse projeto com adolescentes e optamos por alterar o Projeto para “O mundo vivido e a educação sexual de profissionais do sexo, na perspectiva fenomenológica”, que foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus Araraquara, sendo aprovado em 28 de março de 2019 (ANEXO A), sob o Parecer no. 3.298.978. Para a compreensão da vivência da educação sexual das mulheres profissionais do sexo, elegemos metodologia fenomenológica na perspectiva amatuzziana.

Após a aprovação do projeto, realizamos diversos trabalhos publicados e apresentados, alguns dos quais: “O Mundo Vivido e a Educação Sexual de Filhos/as de Profissionais do Sexo”⁴, “Adolescência, Sexualidade, Internet e Redes Sociais – Uma breve análise bibliográfica”⁵, “Revisão sistemática da literatura nacional sobre Educação Sexual e prostituição na abordagem fenomenológica”⁶ e “Mulher, Negra e Prostituta: Produções científicas nos contextos nacionais e internacionais”⁷, entre outros trabalhos ainda não publicados

A presente Dissertação foi submetida ao Exame de Qualificação no dia 05 de agosto de 2019, com o título “O mundo vivido e a educação sexual de profissionais do sexo, na perspectiva fenomenológica”. Após sugestão da Banca, refletimos e decidimos alterar o título

⁴Soares, M., Bruns, M. & Prioste, C. (2018). Adolescência, Sexualidade, Internet e Redes Sociais – Uma breve análise bibliográfica. Apresentado na modalidade pôster do I Congresso Internacional Multidisciplinar em Sexualidades – Educação, Inclusão e Transformação, em Campinas, SP.

⁵Soares, M. & Bruns, M. (2018). O Mundo Vivido e a Educação Sexual de Filhos/as de Profissionais do Sexo. Apresentado na modalidade pôster do I Congresso Internacional Multidisciplinar em Sexualidades – Educação, Inclusão e Transformação, em Campinas, SP.

⁶Soares, M. & Bruns, M. (2019). Revisão sistemática da literatura nacional sobre Educação Sexual e prostituição na abordagem fenomenológica. In: Anais do Congresso Brasileiro de Psicologia & Fenomenologia. II Congresso Internacional de Fenomenologia & Psicologia, IV Congresso Brasileiro de Psicologia & Fenomenologia, VI Encontro do GT de Fenomenologia da ANPOF, I Encontro Nacional do GT Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos da ANPEPP. [online] Curitiba, PR. p. 239. www.cbpfcuritiba.com.br

⁷Tavares P., Franco W., Soares, M. & Bruns, M., (2019). Mulher, Negra e Prostituta: Produções científicas nos contextos nacionais e internacionais. In: Anais do Congresso Brasileiro de Psicologia & Fenomenologia. II Congresso Internacional de Fenomenologia & Psicologia, IV Congresso Brasileiro de Psicologia & Fenomenologia, VI Encontro do GT de Fenomenologia da ANPOF, I Encontro Nacional do GT Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos da ANPEPP. [online] Curitiba, PR. p. 240. www.cbpfcuritiba.com.br

para “Profissionais do sexo na interface com a Educação Sexual nos horizontes da fenomenologia”.

Nesse momento, convidamos o leitor a seguir conosco o desvelar da educação sexual e do mundo da vida das mulheres profissionais do sexo. Ressaltamos que os horizontes apresentados para a compreensão do fenômeno não esgotarão e nem encerrarão de modo algum o fenômeno aqui apresentado.

No **Capítulo 2. Prostituição uma trajetória histórica**, apresentamos a trajetória histórica da prostituição no mundo e no Brasil, partindo da Antiguidade até a atualidade.

No **Capítulo 3. A perspectiva fenomenológica e humanista de Mauro Martins Amatuzzi**, apresentamos as contribuições de Mauro Amatuzzi acerca da fala autêntica e do silêncio na perspectiva da fenomenologia e da psicologia existencial humanista.

No **Capítulo 4. Pesquisa qualitativa na metodologia fenomenológica**, apresentamos o caminho percorrido para compreender o fenômeno e o acesso às colaboradoras, por meio da metodologia da pesquisa qualitativa fenomenológica.

No **Capítulo 5. Análise compreensiva: Nos horizontes do mundo da vida de profissionais do sexo**, apresentamos os perfis das colaboradoras bem como suas análises, formuladas a partir das categorias que emergiram dos relatos acerca da educação sexual vivenciadas da infância até a atualidade e de seus projetos de vida.

No **Capítulo 6. Profissionais do sexo na interface com Educação Sexual nos horizontes da fenomenologia: Desvelando os Significados Sentidos**, realizamos uma compreensão sobre as convergências e divergências encontradas nas análises dos relatos das colaboradoras, construindo uma síntese descritiva.

No **Capítulo 7. Horizontes**, finalizamos apresentando as reflexões e os horizontes desvelados a partir deste estudo.

2 PROSTITUIÇÃO: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Para compreender a prostituição na atualidade, é essencial olharmos para o fenômeno também pela perspectiva histórica. Enfatizamos, no entanto, que esse fenômeno foi descrito de modos distintos ao longo da história, não existindo uma visão hegemônica sobre os fatos. Assim, qualquer interpretação absoluta poderá se tornar reducionista, o que não é a intenção desta pesquisa.

A história é lacunar por excelência e nesses interstícios silenciam-se os sentidos, velam-se movimentos e suas significações, determinam-se a imposição e naturalização de interpretações que, a partir de certo presente, tornam-se universalizantes. As tônicas positivistas dos séculos XIX apenas vieram enfatizar uma tendência social que consiste em estabelecer paradigmas e estereótipos e projetá-los no tempo e no espaço, criando esquemas interpretativos unívocos e redutores (Swain, 1995, p. 1).

Nesse capítulo, objetivamos construir uma trajetória histórica no mundo e no Brasil até a atualidade acerca da prostituição.

2.1 Pré-História

Existem muitas teorias sobre a pré-história⁸, autores como Roberts (1998), Eisler (2004), Nunes (2005), Reed (2008), entre outros, interpretam esse período a partir da teoria da sociedade matriarcal. Nessa perspectiva, as mulheres ocupavam uma posição central na sociedade, que era organizada de modo igualitário, sem opressão masculina e a importância do homem na reprodução ainda não estava totalmente compreendida. Para Roberts (1998), existia ainda uma relação significativa entre sexo, fertilidade, procriação e sagrado, sendo a mulher uma representação das deusas na Terra.

Ainda segundo Roberts (1998), a mulher era associada à Grande Deusa, criadora da força da vida, e existia nesse período diversos cultos à fertilidade.

⁸Pré-História período que compreende por volta de 2,5 milhões de anos a 4.000 a.C., dividido em dois grandes períodos: Paleolítico e Neolítico (Taylor, 1997).

A autora junguiana Nancy Qualls-Cobert, em seu livro “A Prostituta Sagrada: aspectos eternos da mulher e do feminino” (2012), apresenta sua teoria a respeito do matriarcado na pré-história e da prostituição sagrada. Nesse período, a sexualidade e a religião eram vivenciadas de maneiras próximas, segundo a autora, especialmente nos rituais dedicados à fertilidade e às deusas femininas. Nessas cerimônias festivas e nos cultos religiosos, a Deusa-mãe e as Deusas da Fertilidade mulheres faziam sexo como parte da celebração, recebendo ofertas e presentes para o templo e para suas deusas.

No entanto, não há um consenso sobre o matriarcado e mesmo entre aqueles autores que concordam com essa teoria não observamos uma unanimidade sobre a santidade do feminino.

Swain (1995) e Eller (2000) acreditam que as teorias de culto às Deusas da Fertilidade diminuem o papel da mulher na pré-história, reduzindo sua importância à fecundidade e maternidade. Para as autoras, a mulher desse período possui grandes realizações relacionadas à domesticação das plantas, linguagem e escrita, entre outros feitos significativos para a humanidade que são ignorados pela história tradicional.

Há uma teoria do sexo e do gênero embutida no mito da pré-história matriarcal, e ela não é original nem revolucionária. As mulheres são definidas estritamente como aquelas que dão à luz e nutrem, que se identificam em termos de relacionamentos e que são intimamente aliadas ao corpo, natureza e sexo – geralmente por razões inevitáveis de sua composição biológica. Essa imagem da mulher é drasticamente avaliada no mito matriarcal feminista, de modo que não é uma marca de vergonha ou subordinação, mas de orgulho e poder. Mas essa imagem é, no entanto, bastante convencional e, pelo menos até agora, fez um excelente trabalho ao servir interesses patriarcais (Eller, 2001, p. 12).

Eller (2000), em “O Mito da Pré-História Matriarcal”, contesta a ideia de matriarcado, trazendo o conceito do não patriarcado, que corresponde a uma sociedade em que não existe uma posição central feminina e tampouco a sua submissão. A autora esclarece que as estátuas e artes da época trazem imagens passivas ou eróticas das mulheres, não indicando uma condição especial ou superior. Eller também evidencia que a vida das mulheres na Índia não é melhor devido à existência de mulheres-deusas nesse país. No entanto, a autora destaca a importância do mito da Deusa como uma explicação acerca da origem do sexismo.

A partir de nossas leituras, observamos que a maioria dos autores sugere que durante

a pré-história vivemos um período no qual homens e mulheres viviam de modo mais cooperativo, com as mulheres vivendo e expressando sua sexualidade de maneira livre. Não existiam motivos nem evidências de existência da prostituição, não do modo como conhecemos hoje.

2.2 Antiguidade

Por volta de quatro mil anos a.C., as sociedades, que eram, em sua maioria, nômades, vivendo basicamente da caça e da coleta de alimentos, começam a dominar a agricultura e a domesticação de animais. Esse conhecimento possibilita a adoção de moradias mais estáveis, tornando as sociedades sedentárias e fixas e transformando o modo de vida profundamente. Com a facilidade de acesso a alimentos, as pessoas puderam se dedicar a outras atividades não agrícolas como a arte, artesanato, arquitetura, astronomia, comércio, religião, e governo entre outras. Essas novas formas de organização deram origem às primeiras vilas, cidades e sociedades hierarquizadas (Delphy, 2009, Stearns, 2015).

Roberts (1998) e Taylor (2008) sugerem que as diversas invasões ocorridas nesse período provocaram uma violência institucionalizada. A violência combinada a outros fatores como a ideia de propriedade, a necessidade de conservação de bens, e a herança modificaram as relações de gênero. A sexualidade da mulher começa a ser controlada com o intuito de assegurar a paternidade, estabelecendo, então, uma hierarquia masculina na sociedade – período considerado por muitos autores o início do patriarcado.

“Patriarcado” vem da combinação das palavras gregas pater (pai) e arkhe (origem e comando). Essa raiz de duplo sentido se encontra em arcaico e monarquia. Para o grego antigo, a primazia no tempo e a autoridade são uma só e a mesma coisa. Portanto, o patriarcado é literalmente a autoridade do pai. Como o pai é forçosamente o primeiro e a origem em relação às gerações seguintes, a adição de pater com arkhe redobra a autoridade da origem, considerada uma evidência no termo arqui – é evidente na palavra grega archontes (descendentes das primeiras famílias instaladas num lugar e dirigentes da comunidade). Mas a palavra pater em si – a mesma em sânscrito, grego e latim – não designa o pai no sentido contemporâneo (Delphy, 2009, p. 174).

No entanto o paradigma do “patriarcado” levanta objeções de pesquisadores; segundo esses autores, o termo denota a adesão a uma teoria que privilegia a “diferença natural dos

sexos”, e ainda que o termo não traduza a real noção da sociedade dominada pelo masculino como um todo, independente da relação paternal ou familiar. Para esses autores, a terminologia adequada seria sistema de gênero, sistema social de gênero ou ainda viriarcado (Delphy 2009, Batista 2017).

O paradigma do patriarcado tem o masculino como centro da sociedade, as atividades relacionadas a esse universo passam a ser valorizadas enquanto as atividades femininas são diminuídas e inferiorizadas a fim de subjugar a mulher estabelecendo o homem como figura de poder (Lins, 2015).

Segundo Roberts (1998), as pessoas continuavam frequentando os templos dedicados à Deusa, mesmo com a ascensão do paradigma do patriarcado.

Nos templos, as pessoas continuavam a adorá-la e aos antigos ritos sexuais, o que continuou mesmo durante o período em que as sacerdotisas estavam sendo destruídas e depostas de suas posições de poder (Roberts, 1998, p. 22).

Na Babilônia, Ishtar⁹ era a grande deusa da fertilidade, sexo e amor, cultuada pelas sacerdotisas em seus rituais sexuais (Guimarães & Bruns 2010, Rebolho 2015, 2019).

A “prostituição sagrada” ou sexo ritualístico seria uma prática ligada à religião, na qual mulheres comuns e sacerdotisas (as “prostitutas sagradas”) teriam relações sexuais com quem as procurasse com objetivo de ser abençoado com fertilidade, seja para si, esposa, terras ou animais. Por essas relações sexuais, elas receberiam um pagamento, porém o pagamento seria oferecido à divindade ou ao templo (Batista, 2011, p. 109).

Nesse período, havia uma hierarquia entre as prostitutas, fenômeno também identificado em outros períodos e em diferentes países e culturas. As classificações estavam relacionadas às funções desempenhadas e o lugar que ocupavam na sociedade. As Entu e as Naditu ocupavam a classe mais elevada. As Qadishtu e as Ishtaritu cumpriam tarefas dedicadas à deusa nos templos, sendo as Ishtaritu mais voltadas para as artes. E, por fim, as

⁹Inana e Ishtar eram originalmente deusas separadas, não relacionadas, mas foram unidas durante o reinado de Sargão de Acádia e passaram a ser consideradas efetivamente a mesma deusa sob dois nomes diferentes (Zdebskyi, 201)

Harimtu, o nível mais baixo na hierarquia – algumas eram escravas, trabalhando tanto na área do templo como nas ruas e vielas, não possuindo poder como as outras sacerdotisas e sendo subordinadas aos sacerdotes. Independente da hierarquia, todas contribuía significativamente para o enriquecimento dos templos (Roberts 1998, Guimarães & Bruns 2010, Rebolho 2015, 2019).

Líderes, governantes e sacerdotes durante anos depreciaram as mulheres, deusas e o feminino enquanto fortaleciam a imagem dos homens e dos deuses masculinos. Mesmo diante dessa realidade, as pessoas continuavam a cultuar suas deusas, e as sacerdotisas, afastadas de seus templos, realizavam seus rituais sexuais em troca de presentes e pagamentos.

Com o objetivo único de neutralizar o poder da deusa, os governantes das grandes cidades, como Egito e Mesopotâmia, atual Iraque, criaram sacerdotes homens para promover e controlar seus deuses, e ao mesmo tempo, explorar as mulheres do templo. No entanto, a cultura da deusa estava presente no coração das pessoas e quebrar o encantamento e adoração de todo um período não foi uma tarefa das mais fáceis. (Rebolho & Ribeiro, 2018, p. 48).

As sacerdotisas, que outrora viviam de maneira livre e autônoma tanto financeira como sexualmente, ocupando um lugar de prestígio, começam a experimentar um processo de desvalorização na sociedade, realizando práticas sexuais para seu sustento, sofrendo diversos tipos de ataques, punições e discriminações com a finalidade do controle de sua independência e liberdade. Muitos autores consideram esse período como o início da história da prostituição propriamente dita (Roberts 1998, Batista 2011, Rebolho, 2015).

Muitos autores concordam com a existência da prostituição sagrada; no entanto, essa teoria tem sido questionada, pesquisadores atuais como Assante (1998), Swain (2004), Rubio (2010), entre outros, discordam da noção de prostituição sagrada. Para esses autores, a prática do sexo como ritual em uma relação de troca era realizada por diversas mulheres, não apenas as sacerdotisas e que essas foram rotuladas e nomeadas como prostitutas devido à perspectiva dos autores do século XIX, como Dufour em “História da Prostituição” (Dufour, Lacroix Rabuteaux & Lecour, 1955) e outros.

Pesquisadores contemporâneos acreditam que a prostituição sagrada não existiu, mas sim a prática do sexo ritualístico, podendo ser a primeira uma fantasia masculina ou uma construção perpetuada por historiadores que possam ter realizado traduções equivocadas e

interpretações de acordo com o momento histórico que viviam (Batista, 2011).

Para diversos autores, independentemente da existência ou não de uma Prostituição Sagrada, se essa originou a prostituição comum, a história da prostituição inicia-se nesse período.

Egito e Mesopotâmia

Durante a Antiguidade no Egito e Mesopotâmia, as diferenças eram significativas em relação às outras civilizações, especialmente no que se refere à mulher (Ribeiro 2005).

No vocabulário egípcio não existia a palavra virgem, pois virgindade não fazia sentido para eles. A mulher podia ter relações sexuais antes do casamento e isso não seria motivo para sua desonra. Havia também os contratos de casamento temporário, que poderia se tornar definitivo, ou o casal se separaria. O que é interessante na cultura egípcia era o fato de a fidelidade ser uma das bases para o casamento. Daí a existência de práticas em que primeiro se testava o compromisso (casamento experimental) ou havia ligações passageiras antes de dar um passo definitivo (Ribeiro, 2005, pp. 19-20).

Enquanto na Mesopotâmia havia diversos templos dedicados à Deusa Inanna em toda região dos rios Tigre e Eufrates, as sacerdotisas da deusa habitavam os templos e santuários, onde realizavam seus cultos e rituais. Não temos evidências, até o momento, de sexo ritualístico nas culturas do Egito Antigo. Existe entre os pesquisadores a ideia da realização de rituais sagrados de Casamento na Mesopotâmia, ritos eróticos e registros de encenações relacionadas à Alta Sacerdotisa de Inanna, a deusa suméria do amor sexual, fertilidade e guerra. Apesar desses registros não há indícios de relação sexual propriamente dita e os estudiosos sugerem que nenhum tipo de serviço sexual fosse realizado por elas ou por outras mulheres incluídas em qualquer culto (Zdebskyi, 2018).

Quanto à prostituição comum, a legislação autorizava e justificava a necessidade da prostituição como negócio (Rebolho, 2015).

Grécia

Na Grécia Antiga, especificamente em Atenas, as mulheres tinham seu papel na

sociedade bastante definido, eram educadas para a vida doméstica, inclusive com local na casa determinado para elas – o gineceu (Ribeiro, 2005).

De maneira geral, as mulheres passavam do subjugo do pai para o do marido e o papel delas na sociedade ateniense era bastante reduzido por serem consideradas incapazes para tais atribuições (Guimarães & Bruns, 2010).

Em Esparta, devido à militarização da sociedade, a mulher era menos apartada do convívio social que em Atenas, elas participavam dos jogos, de reuniões políticas e de diversas atividades. Além disso, os espartanos acreditavam que eram necessárias mulheres fisicamente aptas para a geração de um exército forte (Lins, 2015).

A prostituição era uma prática comum na Grécia Antiga, existindo tanto a prostituição sacra relacionada a rituais sexuais dedicados à deusa Afrodite quanto a prostituição negócio, sendo inclusive uma atividade economicamente bastante rentável. A prostituição não era criminalizada.

As mulheres atenienses mostravam-se muito solícitas com a celebração da festa à Afrodite, que se realizava no quarto dia de cada mês. Este zelo religioso chegava até ao fanatismo. Nesse dia as prostitutas exerciam o seu mister em proveito da Deusa a quem ofereciam donativos e oferendas (Lins et al., 2015, p. 39).

Foi atribuída a Sólon, legislador grego (594 a.C.), a criação de bordéis estatais, com preços regulados, destinados à prostituição – o Dicterion, lugar onde mulheres escravas, capturadas em guerra e vendidas como escravas, eram exploradas sexualmente, tornando-se verdadeiras “escravas do sexo”, chamadas de *Deikteriades*. [itálico nosso].

No Dicterion tudo o que era arrecadado tinha os seus devidos impostos recolhidos e seus moradores deveriam seguir diversas regras, como usar roupas diferentes, não entrar em templos e não conviverem com outras pessoas da sociedade.

Existiam também as Hetairas, mulheres elitizadas e de grande importância social. Eram mulheres cultas e instruídas, e participavam de atividades que eram restritas aos homens. Consideradas possuidoras de grande inteligência, sabedoria e astúcia, elas trabalhavam em seus negócios, nos Templos ou em bordéis. Existindo inclusive formação para Hetairas, em escolas próprias onde aprendiam artes, ciência, filosofia e política.

Havia, na Grécia, uma classe de mulheres independentes, educadas, possuidoras de boas maneiras, com conhecimento de instrumentos musicais e dança.

Eram as hetairas, que participavam dos banquetes em que esposas e filhas não podiam estar entretendo os homens e inclusive relacionar-se sexualmente com eles. Algumas delas participavam de debates filosóficos, também eram competentes em discussões e de extrema beleza (Ribeiro, 2005, p. 22).

As Auletrides eram artistas, bailarinas, cantoras, musicistas – especialmente flautistas – contratadas para apresentações em festivais públicos, cerimônias religiosas e especialmente para as festas. Eram mulheres livres, não havendo proibição quanto a frequentarem qualquer lugar.

De maneira geral, nesse período existiram vários tipos de cortesãs e prostitutas, desde as escravas até as classes mais altas (Roberts, 1998, Ribeiro, 2005, Farinha & Bruns, 2006, Guimarães & Bruns, 2010, Lins, 2015).

Roma

O Império Romano, apesar de muitas semelhanças, tinha diferenças significativas em relação à Grécia. A hierarquia social era mais rígida e visava a manutenção do status do cidadão romano. Por ser uma sociedade essencialmente patriarcal, cabia ao homem o papel dominador enquanto às mulheres, crianças e escravos restavam a subserviência e a passividade. Apesar dessas características, a mulher tinha uma vida social intensa, participando ativamente de atividades culturais, festivas e influenciavam na política. O casamento era realizado entre mulheres púberes e homens maduros e em caso de divórcio a mulher poderia manter os bens que possuía antes de casar-se.

A prostituição em Roma era organizada e regulamentada, assim como na Grécia os estabelecimentos destinados à prostituição eram bastante lucrativos e pagavam impostos para funcionar. Por isso a prática era regulamentada, tratada como uma profissão igual às outras, havia inclusive um controle através do registro realizado pelo Estado sobre as *mulheres públicas*.

Após o enfraquecimento do Império Romano, por volta do V d.C., devido às diversas invasões, medo generalizado e migração da população da cidade para o campo, inicia-se o período conhecido como Idade Média.

2.3 Idade Média

A Idade Média foi um período na qual os processos de esvaziamentos das cidades, iniciados na Antiguidade, se intensificam e modificam o modo de vida das pessoas. O cristianismo se difunde na Europa, alcançado certa hegemonia a partir do século XI. Conforme a Igreja aumenta sua influência a ideia de pecado e a repressão moral se intensifica, e o sexo é cada vez mais associado a procriação.

A igreja e os líderes religiosos criaram regras específicas acerca da sexualidade, incluindo diversas proibições, sempre associando o prazer ao pecado e ao inferno.

O sexo permitido era o praticado dentro do casamento com função única de procriação, feito de maneira pura e casta, com posições específicas.

A prostituição era condenada pelo cristianismo, no entanto, era *tolerada* pelas autoridades e considerada um *mal necessário*, servindo para proteger as donzelas e as esposas do desejo masculino.

As prostitutas no século XIV eram divididas em categorias: secretas ou públicas. As secretas tinham 17 anos, as camareiras de banhos públicos tinham 20 anos e as locatárias dos prostíbulos tinham cerca de 28 anos. Praticamente todas haviam começado por uma prostituição ocasional (Rebolho, 2015, p. 115).

Muitas se tornavam camareiras de banhos públicos, sujeitas a uma proprietária exigente e a numerosos clientes. Assim, o destino estava traçado: acabavam no prostíbulo, como consequência de não receberem um valor suficiente nos banhos públicos ou por serem levadas por seus rufiões, pelas autoridades municipais ou até mesmo pelas mulheres comuns. Já as prostitutas públicas se encontravam, como diz o próprio nome, em lugares públicos e eram estrangeiras que vinham de regiões abaladas por crises ou guerras. Eram recebidas pela cidade e tinham que pagar aluguel semanalmente pelo quarto alugado.

O aumento na produção de alimentos provocou um crescimento populacional e a possibilidade de desenvolvimento do comércio. Tais fatos aliados à falta de emprego no campo acarretaram o êxodo rural. As mudanças na forma de produção aumentaram ainda mais o número de pessoas nas cidades provocando o fim do período conhecido como Idade Média.

2.4 Idade Moderna

Muitos costumes medievais continuaram durante a Idade Moderna, mas a Reforma Protestante ajudou a tornar alguns deles menos rígidos. As igrejas protestantes da Inglaterra, Holanda e Alemanha eram bastante rigorosas quanto às práticas sexuais.

O puritanismo foi difundido principalmente nas colônias da América do Norte pelos ingleses, influenciando o comportamento acerca da sexualidade até nossos dias (Roberts, 1998, Ribeiro, 2005, Lins, 2015).

As mulheres começaram a ser excluídas das profissões e dos negócios dos quais haviam participado em pé de igualdade com os homens na Idade Média (Roberts, 1998). As oportunidades empregatícias para os homens eram superiores, apesar de uma baixa considerável nos salários.

Considerando a escolha entre ser uma esposa trabalhadora – sujeita a uma carga esmagadora de desemprego, não é surpreendente perceber que um número consistentemente ascendente delas decidiu, em vez disso, trabalhar como prostitutas (Roberts, 1998, p. 138).

Havia dois tipos de prostitutas: aquelas que atendiam em casa, geralmente, após a morte do marido ou do pai, quando lhes faltava dinheiro para o sustento (essas mulheres tinham uma pessoa, a alcoviteira, que buscava os clientes nas ruas), e as que trabalhavam em bordéis, tabernas e outros estabelecimentos tabelados pelo estado (Roberts, 1998, Lins, 2015).

Diante dessa realidade, as prostitutas poderiam exercer seu trabalho desde que se sujeitassem ao controle social, não ameaçando a ordem vigente: a família tradicional burguesa.

2.5 Idade Contemporânea

A Idade Contemporânea é um tempo histórico em aberto, que compreende o final do século XVIII, com a Revolução Industrial (1760) e a Revolução Francesa (1789), até os dias atuais. O desenvolvimento do capitalismo, instaurado como forma de organização econômica para todos os continentes, e a ascensão dos valores de um mundo em progresso contínuo conceberam importantes fatos e correntes de pensamento do século XIX (Carmo, 2011).

Durante o século XIX, existiram diversos tipos de prostituição, tanto a prostituição de rua quanto a de altíssimo luxo. Os bordéis ganharam ares requintados com o crescimento da burguesia e a possibilidade de manter essas profissionais em um ambiente próprio, para possibilitar um controle higienista e o distanciamento da sociedade, não colocando em risco a

saúde. A prática foi incentivada no final do século XIX como meio para preservação da *honra* das mulheres de família e no início do século XX para o alívio e lazer dos soldados durante a Primeira Grande Guerra. Em países em que a prostituição era proibida, ela existia escondida, um modelo que existe até hoje, tendo como faixada clubes masculinos, bares, casas de massagem e outros locais onde as profissionais do sexo exercem seus trabalhos de maneira disfarçada (Guimarães & Bruns, 2010).

A partir da segunda metade do século XX, inicia-se uma grande revolução nas sociedades ocidentais, a descoberta e a comercialização da pílula anticoncepcional e o estabelecimento da mulher no mercado, traz profundas mudanças na sociedade: a gravidez pode ser controlada e a maior igualdade em relação ao homem passa ser uma possibilidade (Guimarães & Bruns, 2010).

“O século XX foi marcado por significativas transformações tecnológicas – do nascimento dos anticoncepcionais ao teste de paternidade, passando pelas novas técnicas de tratamento para as disfunções sexuais de homens e mulheres, pelas revolucionárias técnicas reprodutivas, como a fertilização *in vitro* e banco de espermas, entre outras descobertas científicas que desencadearam e/ou desencadeiam ainda hoje profundas modificações nas relações de gênero, novos arranjos familiares, ênfase no individualismo e significativas mudanças nas práticas amorosas e em nosso modo de expressar a nossa sexualidade” (Bruns, 2011, pp. 64-74).

O século XXI é caracterizado pela virtualidade, pelo consumismo, pela velocidade, pelas tecnologias e mudanças significativas nas relações profissionais, familiares e pessoais, pela existência de laços frágeis, pela busca desenfreada pelo prazer e pelo ter, pela construção de novos padrões éticos e estéticos do Ser (Bauman, 2001, 2004, 2007).

Vivemos hoje a “ditadura do prazer”, sendo o prazer sexual um imperativo, uma obrigação diária. Felicidade aqui e agora – frustração nenhuma. A convivência familiar, com raras exceções, é um campo minado. Cada membro da família se percebe “senhor(a)” do direito de ter todos os seus desejos realizados instantaneamente, como se isso fosse possível (Bruns, 2011).

Em contrapartida, também temos movimentos ultraconservadores, onde a concepção de sexo e sexualidade como pecado é a ideia central.

A herança médico-cultural do vitorianismo, aliada a um modo de vida consumista e

individualista de uma sociedade capitalista e globalizada, nos lega uma concepção de sexualidade ainda limitada, normatizada e geradora de culpa, angústia e ansiedade. Nós, indivíduos do século XXI, ainda sofremos as consequências desta moral antisssexual rígida, austera, contida, que influenciou profundamente as atitudes em relação à sexualidade (Ribeiro, 2005).

A sexualidade hoje vive uma polarização. De um lado temos uma ditadura do prazer sem responsabilidades e do outro a rotulação do sexo-pecado. Mas a livre expressão da sexualidade ainda é um direito que está compreendido entre as muitas expressões da liberdade e da personalidade do indivíduo. Isto significa o direito de a pessoa, em sua vida privada, vivenciar sua sexualidade do modo que desejar (Dias, 2009).

2.6 Prostituição no Brasil e nos horizontes da atualidade

O sexo no Brasil Colônia seguia oficialmente as normas sociais e morais europeias, especificamente as portuguesas. De maneira geral, na América do Sul não se estabeleceu uma cultura tão puritana quanto nas colônias inglesas da América do Norte; na prática, vivia-se no Brasil uma maior liberdade sexual do que na Europa.

Os colonos, na aproximação com os povos indígenas, sentindo-se atraídos e com intuito de povoar a nova terra, passaram a relacionar-se sexualmente com as índias, que engravidavam, gerando descendentes miscigenados. A Igreja Católica, preocupada com a maneira que a sexualidade era vivida na colônia, solicita a vinda de mulheres brancas para o Brasil. Em carta a Portugal, o Padre Manoel da Nóbrega requisita a vinda de “quaisquer” mulheres brancas. O objetivo da vinda dessas mulheres era claro: casar-se com os colonos e povoar o Brasil.

A prostituição de escravas negras para o sustento de seus senhores era bastante comum então, permitido tanto pelas leis quanto pelos costumes da época (Banuth & Santos, 2016).

Essa realidade do século XVII, com a mulher branca para casar e a mulher negra ou indígena para trabalhar e para o sexo, permanece latente até os dias atuais (Carmo, 2011).

Com a vinda da família real, dos nobres e da burguesia, surgem diversos “tipos” de prostitutas, classificadas de acordo com sua classe social: desde as estrangeiras, consideradas mais requintadas e chamadas de aristocráticas ou de sobrado até as mais simples, as de sobradinho, ou as da escória.

No século XIX, existiam no Brasil quatro tipos principais de prostitutas. Em primeiro lugar, as negras, que se prostituíam coagidas pelos seus donos. Muitas vezes tinham que

entregar tudo o que arrecadavam, outras vezes podiam (como incentivo) ficar com uma pequena parte. Muitas tiveram que repassar uma soma mínima a cada dia, caso contrário eram castigadas com tapas, cacetadas, chibatadas, chicotadas ou foram torturadas de outra maneira. O segundo tipo foi formado por mulheres e meninas livres, que viviam na miséria em casebres ruins e se prostituíam neles ou na rua, eram escravas alforriadas ou suas filhas. O terceiro tipo era composto por garotas e mulheres do exterior vendidas para traficantes ou aliciadas por promessas falsas de casamentos ou de trabalho doméstico. Eram livres pela lei, mas presas pelas dívidas que os traficantes e cafetões alistavam em suas contas e, por isso, tratadas como escravas, trancadas nos prostíbulo e castigadas sem dó quando não conseguiam ganhar as cotas mínimas estipuladas pelos cafetões. O quarto tipo foi constituído por prostitutas de luxo, principalmente francesas, que possuíam casas grandes, carruagens, e frequentavam teatros e eventos, cobertas de atavios de ouro (Banuth & Santos, 2016).

Até a atualidade, o Brasil segue os mesmos movimentos mundiais, mas ainda conservando a prostituição de rua para as mulheres socialmente mais vulneráveis (Banuth & Santos, 2016).

Atualmente, existem basicamente três formatos de legislação acerca da prostituição no mundo: O Proibicionismo, o Regulamentarismo e o Abolicionismo.

O Proibicionismo é o sistema em que qualquer prática ou atividade que se relacione com a prostituição, como clientes, agenciadores e a própria prostituta é considerada ilegal.

No Regulamentarismo, o trabalho das profissionais do sexo é plenamente reconhecido e seus contratos como prestadoras de serviço seguem a mesma regulamentação dos demais contratos de trabalho.

O Abolicionismo é um sistema paternalista no qual a prostituta é considerada uma vítima que se prostitui por falta de opção e/ou oportunidade, devido a um explorador que recebe parte dos lucros e esse sim é tido como criminoso (Silva, 2016).

O Brasil adota o abolicionismo e assim a prostituição em si não é considerada crime, sendo sua prática como pessoa física permitida, acontecendo inclusive de diversas formas. Aquele que favorece ou contribui de alguma maneira com a prostituição alheia, no entanto, comete crime (Sironi, 2016).

A prostituição não é regulamentada em nosso país, mas é reconhecida como atividade profissional pelo Ministério do Trabalho e está inserida na Classificação Brasileira de Ocupação CBO – Nº 5198 – 05 PROFISSIONAIS DO SEXO, com o seguinte descritivo:

I – Condições gerais de exercício – trabalham por conta própria, na rua, em

bares, boates, hotéis, rodovias e em garimpos, atuam em ambientes a céu aberto ou em locais fechados e em veículos, em horários irregulares. No exercício de algumas das atividades podem estar expostas à inalação de gases de veículos, poluição sonora e discriminação social. Há ainda riscos de contágios de DSTs, de maus tratos, de violência de rua e de morte.

II – Formação e experiência – para o exercício profissional, requer-se que os trabalhadores participem de oficinas sobre sexo seguro, oferecidas pelas associações da categoria. Outros cursos complementares de formação profissional como, por exemplo, curso de beleza, de cuidados pessoais, de planejamento de orçamento bem como cursos profissionalizantes para rendimentos alternativos também são oferecidos pelas associações em diversos Estados. O acesso à profissão é livre aos maiores de dezoito anos; a escolaridade média é de quarta a sétimas séries do ensino fundamental. O pleno desenvolvimento das atividades ocorre após dois anos de experiência (Classificação Brasileira de Ocupações. Ministério do Trabalho e Emprego, 2016).

O reconhecimento como atividade profissional é considerado por muitos um avanço, mas a prostituição não é uma atividade profissional regulamentada. Atualmente, existem muitas leis tramitando no congresso relativas à prostituição.

O Projeto de Lei 4211/12, conhecido como “Lei Gabriela Leite”, do Deputado Jean Wyllys, foi um dos projetos mais discutidos, por propor a regulamentação da profissão. Foi arquivado em dezembro de 2018.

Existem algumas visões antagônicas acerca da prostituição; em uma delas a prostituição é considerada um ato sexual abusivo, promovendo a objetificação da mulher. Outro ponto de vista argumenta que o sexo é compreendido como fonte de poder e a prostituta ao viver sua autonomia sexual desestabiliza o controle patriarcal (Piscitelli, 2017).

Swain (2014) faz uma crítica à teoria da sedução, em que a prostituta exerceria uma forma de poder; a autora acredita que essa é uma inversão que não faz sentido uma vez que os ganhos das profissionais do sexo raramente ficam com elas.

Independente das questões jurídicas ou de gênero, as profissionais do sexo vivem, em sua maioria, uma situação de marginalização e estigmas; é uma parcela da sociedade que sofre forte preconceito e enfrenta a vulnerabilidade social, a falta de políticas públicas de assistência e saúde, e a culpabilização das vítimas em casos de violência (Bruns, 2016).

A prostituição continua tendo ambientes próprios e concentrados nas periferias das cidades ou próximos a rodoviárias, herança das históricas políticas higienistas e da

necessidade moral de afastamento da sociedade. As praticantes apresentam, por inúmeros fatores, grande vulnerabilidade social e sofrem exclusão socioeconômica, violência e com o tráfico de drogas (Farinha & Bruns, 2006).

Na prostituição de rua há a maior concentração de mulheres negras; quanto mais popular o local maior é o número de prostitutas negras (Banuth & Santos, 2016).

No entanto, a prostituição não é apenas uma questão financeira, mas sobre a sexualidade dessas mulheres; existe uma questão objetiva da necessidade do trabalho, porém há uma atração pelo caráter sexual do trabalho (Leite, 2009).

Essa ideia do trabalho motivado não só por questões financeiras é também abordada em Farinha e Bruns (2006), Guimarães e Bruns (2010) e Bruns (2017), que destacam a escolha dessa profissão como uma oportunidade de essas mulheres vivenciarem livremente sua sexualidade, proporcionando sentimentos de liberdade, autonomia e sedução.

De qualquer modo, seja a prostituição de luxo ou de rua ela não se dá apenas pelo produto, mas também pelo consumidor desse serviço-objeto. “Se não houvesse a retroalimentação do sistema para mantê-la sem dúvida já teria sido erradicada (...) A mudança vem ocorrendo apenas na sua embalagem... o produto continua sendo o mesmo” (Guimarães & Bruns, 2010, p. 98).

Quanto ao século XXI, cabe a nós pesquisadores desvelar como será a nova embalagem.

3 A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA E HUMANISTA DE MAURO MARTINS AMATUZZI

Neste capítulo, nos situamos na perspectiva do fenomenólogo Mauro Martins AmatuZZi¹⁰, especialmente nos livros “O resgate da fala autêntica”, de 1989, e “Por uma psicologia humana”, de 2001, em suas edições atualizadas de 2016 e 2019, respectivamente, entre os demais artigos.

Em “O Resgate da Fala Autêntica na Psicoterapia e na Educação” (2016), o autor dialoga sobre a questão com os teóricos Merleau-Ponty, Martin Buber, Paulo Freire e Carl Rogers.

AmatuZZi, na construção da fala autêntica e suas dimensões, dialogando com Merleau-Ponty acerca de “fala original” ou “fala primeira”, define que essa fala corresponderia à fala primeira, não cronologicamente, mas em ideia, sentimento e pensamento. Aquela que se expressa pela primeira vez, criando, revelando e desvelando o Ser, capaz de mostrar e dizer-se a si mesmo de maneira relacional, temporal, espacial e existencialmente.

“A fala autêntica é o pensamento em ato: não existe um pensamento precedente, do qual ela seria a tradução. O que existe antes dela não é o pensamento, mas, sim, a gestação de uma intenção significativa” (AmatuZZi, 2016, pag. 26). A fala autêntica seria sobretudo criativa, carregada de novos significados e sentidos.

Em um processo simultâneo de criação, construção e transformação, a pessoa se revela e se desvela criando a si mesma e o seu mundo. Desse modo, ela não seria um mero falante, mas a si mesma a própria palavra (AmatuZZi, 2016). “O homem não é um bicho que fala. Ele é a própria palavra, isto é, ele é palavra” (AmatuZZi, 2019, pg. 9).

¹⁰Psicólogo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC (1974), especialista em Aconselhamento Psicológico pela USP (1979) e doutor em Educação pela UNICAMP (1988). Antes disso, estudou Filosofia em São Paulo (1958) e Teologia, concluindo os estudos teológicos na França, com um título equivalente ao de mestrado (1963). Professor aposentado em 1994 pelo Instituto de Psicologia da USP. Foi também docente na PUC – Campinas, na graduação e pós-graduação em Psicologia, por mais de 20 anos, até 2011. Como psicólogo, trabalha na abordagem fenomenológica, atendendo em Psicoterapia, Supervisão e Grupos Psicoeducativos. <http://lattes.cnpq.br/4753420822745799>, acessado em 09/01/2020.

O autor também explica o conceito de fala “segunda” ou “banal” em Merleau-Ponty, correspondente à fala cotidiana, ela não cria e não expressa uma novidade como a fala original. Porém, tem a importante função de continuidade e socialização.

O pensamento segundo é aquele que não tem nada a ver diretamente com o silêncio primordial, mas apenas com outras falas faladas. A fala banal é, portanto, um jogo com produtos culturais, mas que não envolve explicitamente a experiência primordial, não assume o falante (se bem que o defina apesar de tudo...), não engaja como pessoa no esforço de criação cultural, mas, apenas, poderíamos dizer, utiliza-o como indivíduo a serviço do sistema instituído. A fala banal mantém a instituição da fala, não cria (Amatuzzi, 2016, p. 35).

Em “Por uma psicologia humana” (2019), continuando o diálogo com Merleau-Ponty, Amatuzzi elucida a fala, suas dimensões e o silêncio. Para os autores a fala original é precedida do silêncio, a fala autêntica é aquela que rompe o silêncio que está além da ausência de sons, o silêncio simbólico que também é carregado de significações. É na ruptura do silêncio que a pessoa se desvela através da fala.

A plena expressividade ou não da fala, ou seja, sua autenticidade pode ser descrita a partir de sua relação com o pré-verbal que a mobiliza. Este algo que a precede e a mobiliza, posto que não verbal, pode ser denominado, numa aproximação primeira, de silêncio. A fala é ruptura de um determinado silêncio (Amatuzzi, 2019, p. 22).

A fala autêntica rompe o silêncio, é criativa, é intencional, carregada de significados, sentimentos, é experiência e o lugar que a pessoa se coloca no mundo.

Segundo Amatuzzi (2019, p. 30), nossa fala não representa o nosso mundo, mas é o que somos face ao mundo, ou é o mundo que construímos. Também aqui há uma sedimentação e uma experiência adquirida.

Ainda nos ensina o autor que para a fala autêntica acontecer é necessário a construção de um diálogo genuíno (Amatuzzi 2016). Para compreender melhor essa relação, o autor recorreu Martin Buber¹², explicando que para que esse diálogo aconteça são necessárias algumas condições como a autenticidade dos interlocutores numa relação dialógica, empática,

¹²Em “O Resgate da Fala Autêntica”, Amatuzzi dedica o capítulo *O diálogo Genuíno e o Palavreado* a Martin Buber para a elucidação dessas questões.

compreensiva, em que seja permitido a ambos escutar e falar sem imposições ou sobreposições.

São condições do diálogo autêntico: a) a genuidade ou autenticidade de seus participantes; b) que cada um veja o parceiro como é, em sua totalidade e concretude; c) que os parceiros não queiram se impor ao outro. Mas essas condições não são a causa do diálogo: é só com a mutualidade que se desabrocha (Amatuzzi, 2016, p. 39).

É na relação Eu-Tu que se estabelece a fala autêntica. O Eu-Tu é um princípio desenvolvido por Buber (2001) no qual a pessoa se desvela em sua totalidade numa relação constituída pelo sujeito-sujeito, onde o “Tu” representa o mundo da pessoa.

O Eu-Tu é a relação entre duas pessoas com o todo uma da outra, considerando a pessoa inteira, de forma generosa, franca, natural, aberta e espontânea, com seus pensamentos, sensações e sentimentos, ou seja, em sua completude.

Ainda na visão de Buber, a relação Eu-Isso é a que se dá entre sujeito e objeto, na qual o “Isso” representa o universo do objeto. É a relação entre a pessoa apenas de modo superficial, impessoal e desigual. O Eu-Isso corresponde ao não inteiro, ao incompleto, ao universo da fala inautêntica ou banal.

[...] o autêntico – não importa se falado ou silencioso – onde cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença e no seu modo de ser e a eles se volta com a intenção de estabelecer entre eles e si próprio uma reciprocidade viva (Buber, 2009, p. 54).

Todavia, torna-se imperativo salientar que o Eu, segundo Holanda (1998), se constrói na relação Eu-Tu. No encontro de subjetividades, o Eu e o Tu se transformam mutuamente, em um movimento no qual o Eu se descobre como o Tu do outro EU, de modo que o falante também se torna ouvinte e o ouvinte torna-se um falante, em um diálogo genuíno constituído de silêncios e falas.

Além das questões do diálogo genuíno, Amatuzzi (2016) nos chama a atenção às questões da palavra, do falar e ouvir em suas dimensões políticas e sociais. Nessa perspectiva, o autor encontra em Paulo Freire¹³ que no processo de alfabetização o aluno, de maneira geral, decodifica mensagens em um movimento mecânico que corrobora para a manutenção da estrutura social vigente. Para Freire, a educação deveria provocar experiências que

possibilitassem aos alunos uma construção a partir de seus próprios conteúdos e contexto social, fazendo com que o educando ultrapasse a decodificação e encontre a “sua própria palavra”.

A palavra sua, própria, é aquela que está sendo expressão e problematização da experiência no trato com os temas geradores e, portanto, que se desdobra em ações e novas experiências. A ela se opõe a palavra alheia, colocada na boca do então oprimido pelo opressor hospedado nele e por ele. Ela passa a interpretar a experiência do oprimido e instaura-se nele uma dualidade. Quando a palavra alheia domina, a palavra própria subsiste como não pronunciada, implícita nos temas geradores, proibida (Amatuzzi, p. 63).

Antes de adquirir a palavra própria, a pessoa fala, mas é uma fala que, conforme descreve Amatuzzi (2016), “*não é o de dentro para fora, mas o de fora para dentro*”. Distante da fala autêntica, essa fala é uma junção de palavras compondo uma fala inautêntica. Ao compreender o mundo e a condição social e política em que vive, a pessoa terá condição de apropriar-se de sua palavra, libertando-se da opressão, apoderando-se de valores, significados e sentidos e contruindo assim a fala autêntica.

A pessoa (na condição de oprimida), como já explicitado, comunica-se de maneira inautêntica, mecânica, reproduzindo o discurso do opressor. Nesse momento, Amatuzzi (2016) esclarece que a palavra própria já existe mesmo não dita, podendo ser desvelada quando as condições para que ela se revele sejam vivenciadas. Essa libertação do opressor e a apropriação da própria fala não serão alcançadas através de uma ação externa por parte do opressor, mas de uma experiência humanista, amorosa e autêntica em que a pessoa consiga se livrar do opressor que fala por seu intermédio.

Para os autores, essa experiência humanista e amorosa aconteceria em um encontro dialógico, igualitário, livre de opressão e transformador, tanto na educação como em situações terapêuticas ou em vivências nas quais as pessoas possam ser verdadeiramente ouvidas (Amatuzzi, 2016).

Freire (2014, p. 111) nos diz que somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. “Se não amo o mundo, não amo a vida, se não amo os homens não me é possível o diálogo.”

¹³ Em “O Resgate da Fala Autêntica”, capítulo 3, *Dizer sua palavra: Paulo Freire*, o autor apresenta os conceitos de Paulo Freire e sua relação pessoal com ele.

Somente a pessoa transformada e humanizada é capaz de pronunciar a palavra própria, porque ela é a própria palavra, a sua fala é a sua existência. Nela reside seu agir, pensar e sentir, sua maneira de estar no mundo.

A palavra própria, do indivíduo, corresponde, pois, à palavra que transforma o mundo e a si mesmo ante o mundo, com base em algo que é próprio, seu, isto é, a experiência pertence a cada um e ao povo, e que é formulada no ato de apropriar-se dela, isto é no ato de transformar o mundo (Amatuzzi, 2016 p. 69).

Segundo Amatuzzi (2016), o falar autêntico é intencional, social, histórico e indissociável da ação concreta, ou seja, a fala autêntica é detentora de dimensões semânticas (a fala que significa algo), semiótica (a fala é simbólica) e política (definição do lugar da fala e do interlocutor).

A fim de elucidar a dimensão pessoal da fala, o autor apresenta o conceito de autenticidade para Carl Rogers, o teórico foi referenciado diversas vezes nos capítulos anteriores de sua obra (Amatuzzi, 2016).

Para o autor, a autenticidade é o buscar ser o que realmente é, de se tornar ele mesmo. É o fim e o meio para se viver de maneira plena e integrada com a liberdade e a responsabilidade de ser o que se é em todo seu potencial por meio do crescimento pessoal (Rogers, 2009, Amatuzzi 2016, 2019).

Ao longo de nossa existência, seja na relação com outro ou na internalização do discurso opressor e outras experiências, a pessoa, sem que perceba de forma clara e evidente, afaste-se do seu verdadeiro Eu. Assume uma identidade já definida, papéis construídos socialmente, máscaras ou um Eu mais superficial que revele pouco de uma identidade mais profunda (Rogers, 2009, Amatuzzi 2016, 2019).

Nos dizeres de Rogers, “Em nossas vidas cotidianas, há mil e uma razões em nossas vidas cotidianas para que não nos deixemos experienciar nossas atitudes plenamente, razões oriundas de nosso passado e do presente, razões que residem na situação social (Rogers, 2009, p. 126).

A pessoa, ao expressar-se livremente e ser ouvida verdadeiramente em uma relação genuína, descobre que muitas vezes seu sentir, pensar e seu comportamento nunca foi seu, mas uma tentativa de pensar, sentir e viver do modo que lhe foi imposto (Rogers, 2009).

Para Rogers (2009) e Amatuzzi (2016, 2019), o processo terapêutico e educativo auxiliaria a pessoa a tomar consciência dos papéis, máscaras e outras possibilidades de ser que

ela possa estar vivendo e seja distante do seu real Eu. Nessa perspectiva, fica claro que autenticidade é um processo e não um estado de ser.

Amatuzzi evidencia que a escuta terapêutica vai além do ato mecânico de ouvir. A escuta da fala, das palavras e dos silêncios que antecede a fala, o ouvir-se a si mesmo, é o caminhar para a pessoa se mover, pensar, sentir e ser, no sentido que desejar.

A autenticidade é uma busca existencial e está além da compreensão intelectual, moral, corporal ou sentimental. Ela é todas essas dimensões simultaneamente: a experiência (o que vivo e sinto), a consciência (o que penso) e a comunicação (o que expresso) (Amatuzzi, 2016).

Portanto, a fala autêntica é a expressão do processo de autenticidade. A fala autêntica está muito além de ser uma fala que revela o íntimo já anteriormente existente. Ela é uma fala síntese, que efetua o estar sendo da pessoa e é por isso que a revela. Ela não apenas declara: ela realiza, opera (Amatuzzi, 2016, p. 119).

Independentemente de ser a fala banal ou autêntica, ela é carregada de significados e sentidos. O silêncio que antecede a palavra e os gestos mudos que expressamos também têm significados. A fala a que nos referimos aqui está além da palavra, é a fala que rompe o silêncio e que revela e edifica o Ser.

Para Amatuzzi (2008, p. 39), compreender significa ouvir o silêncio que procura se romper com a fala. Compreender profundamente significa ouvir o silêncio escondido em qualquer fala.

Ao buscar compreender o outro em sua totalidade de ser, é necessário ouvir o que essa pessoa fala no encontro, as expressões dos significados e sentidos atribuídos por ela a sua existência.

Só podemos chegar a ele mudando o ponto de vista e assumindo questões de sentido que definem a atualidade. O que ele fala? O homem atual, presente existente, é constituído pelas questões de sentido. Por isso o atual se encontra na palavra, e não o contrário (Amatuzzi, 2008, p. 11).

Dessa trajetória altamente elucidativa é que justificamos a nossa escolha por esses autores para ancorar as interpretações do fenômeno por nós indagado: Como se dá a Educação sexual das profissionais do sexo? Esse fenômeno justifica também a metodologia qualitativa fenomenológica apresentada a seguir.

4 PESQUISA QUALITATIVA NA METODOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Na fenomenologia, encontramos uma maneira singular e especial para pesquisar os fenômenos psicológicos: o da compreensão humanista dos significados e sentidos atribuídos pela pessoa às suas experiências vividas. Não cabe, portanto, se limitar apenas aos comportamentos observáveis e controláveis, ou seja, não priorizar o objeto e/ou sujeito, mas sim um olhar para o Ser como um todo, na relação sujeito-objeto-mundo (Bruns, 2011).

Amatuzzi (2009) corrobora com a ideia da pesquisa qualitativa fenomenológica como uma possibilidade de pesquisa humanista e com uma visão ampla da pessoa.

As pesquisas que estão a serviço desta forma humanista de atendimento são principalmente qualitativas, descritivas de vivências subjetivas, buscando explicitar seus significados potenciais em relação a algum contexto e habilitando o profissional com uma visão mais ampla do ser humano, pois é isso que o torna mais apto a oferecer aquela relação libertadora (Amatuzzi, 2009, p. 98).

Amatuzzi, em “Por uma psicologia humana” (2019), traz a pesquisa fenomenológica como um dos caminhos possíveis para se conhecer o Ser, autêntico ou inautêntico, temporal – livre de preconceitos ou pressupostos, olhando simplesmente para aquilo que é, sem julgamentos ou patologizações, utilizando-se da visão de ser-no-mundo.

Para realizarmos a análise fenomenológica dos relatos das profissionais do sexo, seguimos os quatro momentos propostos por Amatuzzi (2009 e 2011), Bruns (2011) e Holanda (2011).

Inicialmente, realizamos a leitura e releitura dos relatos a fim de construir uma visão ampla destes com o objetivo de apreender o sentido geral do fenômeno indagado, buscando os significados a ele atribuídos pelas colaboradoras.

Posteriormente, retomamos a leitura dos relatos, identificando as unidades de significados (Bruns, 2011).

No terceiro momento, agrupamos por categorias demonstrando o conteúdo psicológico presente nos relatos.

E, finalizamos compreendendo e interpretando as convergências e divergências dos relatos, elaborando uma síntese descritiva pela perspectiva amatuzziana.

4.1 O caminhar da pesquisa: acesso as colaboradoras

A fim de garantir os preceitos éticos, o Projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, UNESP – Araraquara, incluindo o Termo de Assentimento Livre Esclarecido, tendo sido aprovado em 28 de março de 2019 (ANEXO A), sob o Parecer no. de 3.298.978. A partir da aprovação, iniciamos os contatos com as possíveis colaboradoras.

Convidamos mulheres maiores de 18 anos – a delimitação da faixa etária para seleção se deu porque profissionais do sexo menores de idade estão em situação de exploração sexual, fato considerado crime hediondo com o advento da Lei 12.978/14, publicada em 22 de maio de 2014 – intitulado “favorecimento da prostituição ou de outra forma de exploração sexual de criança ou adolescente ou de vulnerável”. Ainda conforme o Art. 218-B, submeter, induzir ou atrair à prostituição ou outra forma de exploração sexual alguém menor de 18 (dezoito) anos ou que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, facilitá-la, impedir ou dificultar que a abandone, também é crime com pena – reclusão de 04 (quatro) a 10 (dez) anos.

Para atender a estes critérios, as colaboradoras foram contatadas pelo método bola de neve, no qual pessoas convidadas para a pesquisa convidam novos participantes e assim conseguimos alcançar o número desejado de colaboradoras – que inicialmente demonstraram estranheza ao serem convidadas para participar de uma pesquisa acerca da sua educação sexual.

Todavia, é importante destacar que o acesso ao bairro de maneira direta é bastante dificultado, por diversos fatores. Além da prostituição, o bairro é conhecido pelo tráfico de drogas e altos índices de criminalidade.

No entanto, as dificuldades de acesso às colaboradoras foram superadas devido ao relacionamento anterior da pesquisadora com a comunidade, por intermédio da ONG da região.

A fim de facilitar o acesso e criar um clima favorável de empatia e confiança, a pesquisadora iniciou o encontro dialogando a respeito das necessidades de cada uma e das atividades assistenciais realizadas no bairro; assim que a potencial colaboradora se mostrasse receptiva à entrevista, o objetivo do contato era retomado.

Foram convidadas 16 mulheres, sendo que 04 não concordaram em participar do

estudo e 02 foram descartadas por terem tido que interromper a entrevista para atender seus clientes e não retornaram posteriormente para dar continuidade ao encontro.

A partir do consentimento, novamente foram explicados os objetivos da pesquisa e lidos os Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B). Foi esclarecido como seria o estudo seria realizado e garantido o anonimato de suas identidades através da criação de nomes fictícios tanto para elas quanto para suas respectivas cidades e demais informações que pudessem identificá-las. Também foi esclarecido que mesmo após a entrevista, elas poderiam cancelar a autorização para a participação na pesquisa. Os documentos foram produzidos em duas vias, uma para a colaboradora e outra para a pesquisadora.

Então, iniciamos a realização das entrevistas compreensivas, no local onde elas escolhiam, no interior da casa ou mesmo nas calçadas do bairro.

As entrevistas foram iniciadas com o Roteiro de caracterização do perfil das colaboradoras (ANEXO C), composto por algumas perguntas desenvolvidas pelas pesquisadoras com o intuito de traçar um perfil das profissionais do sexo participantes da pesquisa. O roteiro contém questões como data de nascimento, estado civil, religião e questões a respeito da prostituição (idade de início, número de clientes, quantidade de atendimentos e clientes fixos).

Para identificação do perfil socioeconômico, foi aplicado o questionário desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas – ABEP¹⁴ para Pesquisa do Critério de Classificação Econômica do Brasil (ANEXO D).

A nossa entrevista fenomenológica foi norteada pela questão: *Conte sobre a educação sexual que recebeu em casa, na escola e/ou em outros locais que frequentou e ainda frequenta, na sua infância, adolescência e até hoje; sobre como foi sua entrada nessa profissão e qual é o seu projeto de vida.* A pergunta foi repetida de diferentes formas até que a colaboradora compreendesse o que foi perguntado.

A seguir, apresentaremos o perfil das dez colaboradoras desta pesquisa.

¹⁴ O critério e questionário utilizado podem ser acessados em www.abep.org

Quadro 1
Perfil das Colaboradoras

Colaboradora	1	2	3	4	5
Nome	Gabriela	Risoleta/Zarolha	Teresa	Elisabeth	Sally
Idade	26	24	32	43	19
Início na prostituição	Antes de 18 anos	23	30	33	14
Estado civil	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira
Cor/ Raça/ Etnia*	Índigena	Branca	Negra	Negra	Negra
Religião	Não tem	Budista	Espírita	Não tem	Espirita
Irmãos	Mais de 3	3	2	6	4
Filhos	1	1	1	1	1
Escolaridade	Fundamental incompleto	Fundamental incompleto	Médio completo	Superior incompleto	Fundamental incompleto
Tempo na cidade atual (desde)	Mai./2017	Fev./2018	Nov./2018	Mai./ 2018	Jan./ 2019
Moradia	Outro bairro	Mesmo bairro	Outro bairro	Mesmo bairro	Mesmo bairro
Classe social	D	C1	C2	C2	D
Valor do programa	R\$50,00	R\$60,00	R\$50,00	R\$60,00	R\$60,00
Nº de programas diários	Menos de 5	10	12	10	10
Cientes fixos	0	8	5	7	Acima de 5
Clientela	Homem	Homem e Mulher	Homem	Homem	Homem e mulher
Uso de preservativo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Colaboradora	6	7	8	9	10
Nome	Lucia	Geni	Ana Jacinta	Maria	Eny
Idade	54	21	22	41	22
Início na prostituição	Acima dos 18	20	20	39	17
Estado civil	Solteira	Solteira	Solteira	Viúva	União Estável
Cor/ Raça/ Etnia*	Branca	Parda	Parda	Branca	Branca
Religião	Católica	Católica	Católica	Católica	Evangélica
Irmãos	1	2	3	7	2
Filhos	1	1	0	2	0
Escolaridade	Fundamental incompleto	Médio completo	Médio completo	Fundamental completo	Médio incompleto
Tempo na cidade atual (desde)	Mai./2017	Mai./2018	Mai./2018	03 anos	05 anos
Moradia	Mesmo bairro	Outro bairro	Outro bairro	Outro bairro	Mesmo bairro
Classe social	C1	C2	C2	C2	C2
Valor do programa	R\$ 50,00	R\$ 60,00	R\$ 60,00	R\$ 60,00	R\$ 60,00
Nº de programas diários	4	7	8	8	10
Cientes fixos	5	0	0	5	Não informado
Clientela	Homem	Homem	Homem e Mulher	Homem	Homem
Uso de preservativo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Nota: *Cor, Raça ou Etnia foram autodeclarados pelas colaboradoras.

Os nomes utilizados são fictícios, inspirados em nomes de prostitutas históricas ou da literatura (descrição ANEXO E), atribuídos de maneira aleatória sem nenhuma relação com a história de vida ou aparência das colaboradoras.

De acordo com o Quadro 1, podemos observar que as colaboradoras no momento da pesquisa têm idades entre 19 e 54 anos. Em relação ao início da prática prostitucional, 03 iniciaram antes dos 18 anos, 03 acima de 20 anos, 03 acima de 30 anos e 01 não soube especificar a idade de início. Em relação ao estado civil, 07 são solteiras, 01 divorciada, 01 viúva e 01 em união estável. Referente à raça, cor ou etnia autodeclarada, 04 se consideram brancas, 03 negras, 02 pardas e 01 indígena. Quanto à religião, 04 se declaram católicas, mas não praticantes, 01 é budista, 01 é evangélica, 02 afirmaram que acreditam em Deus, mas não têm uma religião específica, 02 são espíritas, sendo que ambas enfatizaram suas especificações: uma é kardecista e outra autodeclarou-se macumbeira.

No que concerne a filhos, 07 colaboradoras têm um único filho, 01 tem dois filhos, e 02 não possuem filhos. A escolaridade é bastante variada: desde o ensino fundamental incompleto até superior incompleto. A média de tempo de residência na cidade atual é de 01 a 02 anos. Todas trabalham exclusivamente no bairro e 05 trabalham e moram no bairro. As classes socioeconômicas das colaboradoras variam entre C1 e D.

O valor médio do programa em todo o bairro é de R\$ 50,00 a 60,00. A quantidade de programas é bastante variável, mas a média em dias considerados “bons” é de 10 programas. Quanto ao número de clientes fixos, 06 possuem cinco ou mais clientes fixos, 03 não possuem, e 01 não soube especificar. Todas afirmam usar preservativo em todas as relações.

5 ANÁLISES COMPREENSIVAS: NOS HORIZONTES DO MUNDO DA VIDA DE PROFISSIONAIS DO SEXO

Ancoradas na metodologia fenomenológica, iniciamos a análise compreensiva dos relatos das colaboradoras agrupando as unidades de significados em categorias que explicitam o conteúdo psicológico na fala das colaboradoras.

Os relatos serão analisados pela perspectiva da psicologia existencial humanista de Mauro AmatuZZi e de outros autores pesquisados por ele, desse modo caminharemos em direção à compreensão do fenômeno: “Profissionais do sexo na interface com Educação Sexual nos horizontes da fenomenologia”.

Com a finalidade de auxiliar a compreensão do leitor, as **categorias** serão apresentadas em **negrito** e as subcategorias sublinhadas.

Categoria 1 – Vida familiar: infância, puberdade, adolescência e iniciação sexual

Esta categoria apresenta as vivências das colaboradoras em suas famílias, fatos da infância, início da puberdade, as experiências relacionadas à adolescência e o início da vida sexual. As subcategorias encontradas foram:

- Infância na interface com a vulnerabilidade social
- Puberdade, adolescência e início da vida sexual

Categoria 2 – Educação sexual: intrafamiliar e extrafamiliar

Esta categoria apresenta as vivências de educação sexual das colaboradoras. Consideramos educação sexual toda vivência da pessoa em relação a sexualidade do nascimento até a morte. Incluindo a educação familiar e outras interações sociais incluindo a escola, o trabalho, o atendimento em saúde entre outros.

(...) as atitudes e valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade que acompanham cada indivíduo desde o seu nascimento constituem os elementos básicos do processo que denominamos educação sexual. Tem um caráter não intencional e existe desde o nascimento, ocorrendo inicialmente na família e depois em outros grupos sociais. É o modo pelo qual construímos nossos valores sexuais e morais, e se constitui de discursos religiosos, midiáticos, literários etc. (Maia & Ribeiro, 2011, p.76).

Considerando que esta se dá informalmente no âmbito da família, recebida de parentes, amigos e outros, e/ou é adquirida por meio da escola, trabalho ou serviços de saúde. Nessa categoria, emergiram duas subcategorias:

- Educação sexual intrafamiliar
- Educação sexual extrafamiliar

Categoria 3 – Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional

Esta categoria apresenta como as colaboradoras vivenciam as suas práticas de profissionais do sexo do início na prostituição, do trabalho em si e do ambiente prostitucional.

Categoria 4 – Projeto de vida: perspectivas futuras

Esta categoria apresenta as metas, idealizações, planejamentos, anseios e sonhos das colaboradoras, e como esses se relacionam com seus projetos de vida. As unidades de significado que compõem esta categoria emergiram nos relatos de todas as colaboradoras.

A seguir, apresentamos as sínteses individuais para compor o perfil de cada colaboradora, apresentados com as análises compreensivas dos seus relatos.

Perfil da Colaboradora 1 – Gabriela

Gabriela tem 26 anos de idade, não soube especificar quando começou a se prostituir, mas acredita que foi por volta de 07 a 10 anos atrás. É solteira e não tem um relacionamento afetivo no momento. Afirmou apenas acreditar em Deus, mas não possui uma religião. Quando perguntada sobre sua cor, raça ou etnia, ficou pensativa e declarou-se como índia. Tem três irmãos (de pai e mãe), diz ter outros irmãos por parte de pai, mas não sabe exatamente quantos, porque há muitos anos perdeu o contato com o pai.

Afirmou que sua infância foi muito difícil, marcada pelo alcoolismo da mãe e violência doméstica. Não quis falar muito sobre essa fase. Tem um filho de 07 anos que mora com uma irmã e sua mãe em uma cidade próxima a sua cidade natal.

Descreve sua cidade natal como um lugar com mais possibilidade de emprego para quem tem baixa escolaridade, pois é uma cidade pequena que tem como principal fonte de renda a agricultura. Possui ensino fundamental incompleto e afirmou estar com grandes dificuldades financeiras por estar parando de se prostituir. Por não conseguir um emprego formal, tem vendido doces e pipoca no semáforo. Atualmente, faz programas 2 a 3 vezes por semana, atendendo 04 a 05 clientes no máximo apenas para complementar a renda quando necessário.

Foi contatada pela pesquisadora por sua presença constante na ONG e nos eventos sociais realizados no local. A entrevista foi realizada nas cadeiras de fios de plástico que ficam na calçada da casa em que ela trabalha, assemelhando-se à imagem tradicional do interior. A colaboradora demonstrou-se ansiosa em deixar a prostituição. Seis meses após a realização do encontro, Gabriela entrou em contato relatando que deixou a prostituição.

Categoria 1 – Vida Familiar: Infância, Puberdade Adolescência e Iniciação Sexual

- Infância na interface com a vulnerabilidade social:

Péssima... (silêncio). Vim de Montinhos, minha família é de Cidadelândia, tive problema de infância com a minha mãe, ela bebia demais sabe como é né... me batia demais, eu trabalhava... Minha mãe sempre bebeu demais, mesmo...bebia de tudo... (silêncio). Mas tô aqui, tô bem, tô na luta (sorriso).

Nesse relato de fala autêntica de Gabriela sobre sua infância, ela desvela uma infância vulnerável, deficitária em necessidades básicas físicas e emocionais, abrangendo questões de

ordem econômica, social, afetiva e de segurança. Porém, finaliza com o momento atual, revelando que apesar das adversidades é possível o existir, encerrando a frase com a afirmação de que está bem, lutando e sorrindo. Segundo AmatuZZi (2019), em “Por uma psicologia humana”, a própria vida é um processo de transformação e que, apesar da história da pessoa ser essencial em relação à maneira que ela reagirá aos desafios da vida, não será o único determinante, a pessoa ainda poderá fazer escolhas e mudar de direção e o caminho.

Não se trata de ignorar que exista sofrimento, mas o foco de atenção é outro: o que há de saudável, de possibilidade de vida no outro. O resgate ou a descoberta do saudável no indivíduo (Cambuy e AmatuZZi 2012).

AmatuZZi (2019) ainda resgata o humanismo de Maslow para respostas acerca da capacidade humana de superação em situações de crise e a assunção de responsabilidade pela sua existência.

A infância e suas experiências são de fato essenciais para a construção do Ser, o desenvolvimento saudável e pleno depende tanto da satisfação de necessidades básicas físicas e emocionais quanto de pequenas frustrações e limitações para adaptação à realidade, mas as frustrações constantes das necessidades podem ser traumáticas sendo mais prejudiciais do que benéficas. No entanto, mesmo em ambientes hostis é possível a existência do Ser (AmatuZZi 2015).

Categoria 2 - Educação Sexual: Intrafamiliar e Extrafamiliar

- Educação sexual intrafamiliar:

Então, não tive educação nenhuma, nem dela (referindo-se à mãe) nem na escola... o que aprendi, aprendi na vida, sozinha.

Ao falar do silêncio da sua educação sexual intrafamiliar e escolar a colaboradora demonstra que compreendeu o que lhe foi ensinado: que deveria buscar esse conhecimento por conta própria, porque nesses locais não seria fornecido, não como algo autêntico.

Compreender significa ouvir o silêncio que procura se romper com a fala. “Compreender profundamente significa ouvir o silêncio escondido em qualquer fala. Quando ouvido é que ele é realmente dito, e isso é uma mobilização do ser (AmatuZZi, p. 40).”

O falar, a palavra, o gesto e o silêncio fazem parte do fenômeno comunicação. A fala

original é o pensamento, é autêntica e revela o próprio Ser; em contrapartida, a fala banal é aquela que não cria e apenas reproduz significados já existentes. O silêncio também é uma comunicação carregado de significados e sentidos (Amatuzzi, 2008, 2016).

Educação sexual é toda aprendizagem vivenciada pela pessoa ao longo da sua vida relacionada à sexualidade, seja em ambiente informal ou formal, ou seja, intrafamiliar ou escolar. E nesse caso, o silêncio em diversos ambientes colabora para a manutenção dos mitos e tabus em relação à sexualidade.

Categoria 3 – Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional

Mas antes eu trabalhava com faxina... e você sabe né?! Sempre tem a primeira vez na vida... (silêncio). [Me fala mais sobre isso.] Comecei em Montinhos primeiro, lá no xxxx. Umam amigas que ia lá que chamou... minha cunhada; o pai do meu filho tava preso, eu precisava de dinheiro... (silêncio).

Gabriela fala de modo autêntico a respeito da incongruência do seu Ser e do sentimento de inautenticidade de sua escolha, quando justifica o trabalho na prostituição como algo que não foi uma escolha. Atribui à influência de suas amigas, cunhada e da necessidade financeira.

Como se ao auxiliar o pai do seu filho financeiramente e as amigas oferecerem uma solução ela não pudesse fazer outra escolha, apenas essa.

Amatuzzi (2016), em consonância com Rogers (2009), nos ensina que não é possível alcançar a *pessoa que se é* quando não se vivencia a liberdade de escolha. A pessoa sente que determinado modo de ser é a única possibilidade naquele momento. Muitas vezes, pela busca da aceitação dos demais, a pessoa poderá realizar escolhas visando à aprovação dos outros, independentemente de desejar ou não aquela situação.

E se sabe, a zona não traz felicidade, nem dinheiro... assim, dinheiro é bom, mas também não é aquela felicidade.... (silêncio) (...) queria arrumar um serviço, entendeu? Fixo, carteira registrada, porque que nem, não tem registro, que nem, você vai chegar na atual idade... e você acaba ganhando dinheiro fácil e perde fácil também, né... não é aquela vida normal que você tem que acordar cedo, levantar cedo, chega do serviço e descansa, limpa a casa.

Gabriela ao falar sobre o trabalho, o ambiente prostitucional, e a relação felicidade versus dinheiro, reflete sobre o seu mundo-vida, sobre o que seria a felicidade e os significados e sentido atribuídos por ela a sua vida. Acredita que não terá felicidade na “zona”, que o trabalho fornece algo que ela necessita: o dinheiro, mas esse não é o único sentido para sua existência. O que torna sua existência inautêntica, fazendo-a questionar se há felicidade em sua vida.

Categoria 4 – Projeto de Vida: perspectivas futuras

(...) então, aí eu trabalho com venda de pipoca, de doce no farol, no comércio. Quando eu quero vim eu venho, mas assim, não foco em fazer programa, não é bom pra minha autoestima... já saí de morar aqui (mostrando o bairro), eu já saí, o problema é serviço, que nem, eu tô esperando o curso (silêncio)...

Fixo, carteira registrada, porque quem nem, não tem registro, que nem, você vai chegar na atual idade... e você acaba ganhando dinheiro fácil e perde fácil também, né... não é aquela vida normal que você tem que acordar cedo, levantar cedo, chega do serviço e descansa, limpa a casa.

(silêncio) Ai difícil... se eu continuar aqui vai ser triste, infelizmente... muito triste.

Ao sermos ouvidos integralmente, o contato com nós mesmos é reestabelecido, possibilitando o resgate da fala autêntica. A fala que rompe o silêncio e desvela os sentimentos mais profundos. “É nessa relação diferente que aparece o significado, o sentido. E então o que era simplesmente real passa a ser mundo. Mundo organizado e com sentido” (Amatuzzi, 2019, p. 71).

Diante do sentimento de finitude e possibilidade da morte, surge uma grande angústia. O enfrentamento da angústia e a aceitação da condição de ser-para-a-morte, não se iludindo ou fugindo, faz com que a compreensão e o pensar a vida mude, o Ser passa então a buscar sentido para a existência vivendo de maneira mais autêntica.¹⁵

¹⁵ Seis meses após a entrevista a colaboradora abandonou a prostituição, finalizou o curso profissionalizante e iniciou em sua nova profissão.

Perfil da Colaboradora 2 - Risoleta (Zarolha)

Risoleta (Zarolha) tem 24 anos de idade, iniciou na prostituição aos 22, e é solteira. É budista. Tem três irmãos mais novos e um filho de 03 anos. Possui ensino fundamental completo. A família reside em uma cidade no interior do Paraná e ela atualmente mora com a tia no Jardim Paraíso. Apesar de ter se declarado como classe média baixa, pertence à classe C1, segundo a classificação da ABEP. Mudou para cidade atual há pouco mais de 1 ano 6 meses (não se lembra exatamente). Trabalha no bairro e mora na casa de uma tia que também trabalha como profissional do sexo no mesmo bairro. O valor médio do programa é R\$60,00 e ela faz em média 10 programas por dia, atendendo homens e mulher. Possui 08 clientes fixos e usa preservativo em todas as relações sexuais.

O contato com a pesquisadora se deu de maneira espontânea: estava em frente à casa e mostrou-se disposta a conversar. A entrevista foi realizada na sala da casa. A colaboradora tem aparência física pouco comum no bairro por ser loira natural e de olhos claros. Durante a entrevista, estava incomodada com a roupa, a todo o momento puxando a saia e arrumando o decote.

Categoria 1 – Vida Familiar: infância, puberdade, adolescência e iniciação sexual

A colaboradora descreve o ambiente familiar de sua infância e adolescência como simples, “normal”, e comum às cidades do interior do sul do país.

- Puberdade e adolescência

Com 10 anos eu menstruei, me assustei muito, a minha mãe nunca tinha falado pra mim e quando eu vi lá o negócio, eu falei “meu Deus!” eu achei que eu estava morrendo.

Amatuzzi (2016), dialogando com Paulo Freire, explica que o discurso do opressor se expressa por meio da fala do oprimido, no processo educativo a pessoa tem a possibilidade de aquisição da própria palavra, desvelando suas vivências.

É uma palavra que, de certa forma, foi colocada na boca das pessoas sem que nascesse de seu coração. O percurso no qual se formaram tais palavras não é o de dentro para fora, mas o de fora para dentro (Amatuzzi, 2016, p. 67).

A escolha ou não escolha de uma palavra reflete o silêncio da educação sexual intrafamiliar e a reprodução desse silêncio na idade adulta. Nesse caso, evidenciado pelo uso da palavra *negócio*, revelando a dificuldade em nomear a menstruação. Palavra que designa o fenômeno fisiológico, compreendido como um dos principais marcadores do início da puberdade feminina e com sentido sociocultural significativo em diversas culturas por sinalizar a possibilidade de fertilidade.

No caso da menstruação é comum nos depararmos com expressões como estar “de chico”, “de boi”, “de bode”, “de regras”, “naqueles dias”, “doente”, “indisposta”, “doente dos tempos”, entre outros termos (Moreira, 2013, p. 58).

Portanto, a forma de se referir a um fenômeno biológico comum com outras palavras, até mesmo de cunho pejorativo, ao ser analisada em um contexto mais amplo desvela os tabus que são reforçados pela falta da educação sexual.

Categoria 2 – Educação Sexual: Intrafamiliar e Extrafamiliar

- Educação sexual intrafamiliar:

Educação sexual eu não tive... e mais ou menos e é isso. A minha mãe era daquele tipo mais antigo, sabe? Lá no Sul as pessoas são assim... não é de falar disso... Então ela não falava muito, nunca falou alguma coisa...

Aprender sozinha é muito triste (silêncio), mas se eu tivesse tido mais seria melhor (silêncio) (suspiro) acho que nem engravidado eu teria, na verdade, porque eu sou novinha ainda (silêncio). Tipo, a gente sabe isso, aquilo e que tem que usar anticoncepcional e tals, mas quando a mãe não está em cima a gente fica meio desligadona (silêncio).

No relato é possível observar a educação pelo silêncio e o reflexo do patriarcado, na qual toda a responsabilidade pela educação é da mãe, em nenhum momento é questionada a figura paterna ou masculina, seja por sua ausência ou por não ser considerado parte responsável pela educação sexual.

- Educação sexual extrafamiliar

Na escola falava mais sobre os órgãos: o do menino e o da menina, explicava

certinho, nada das coisas mesmo, isso não, não tinha não...

O relato de Risoleta reflete a distância entre a legislação e a prática educacional. Na prática, muitas escolas ainda permanecem com modelos de educação sexual distantes das necessidades da contemporaneidade e que impedem a construção de espaços dialógicos e emancipatórios acerca da sexualidade, problemática apontada por diversos pesquisadores (Costa, 2014; Carvalho & Bruns, 2016).

Categoria 3 – Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional

A minha tia trabalhou aqui durante 10 anos aí eu vim passar uns dias na casa dela e acabei ficando por aqui... já faz um ano.

(...) bom eu já construí uma casa nesse um ano que estou aqui ...

Outra questão significativa no relato é a respeito do início na profissão, explicada por uma necessidade financeira ou problemas familiares e por meio de um convite. Esse fato também foi observado por outros pesquisadores como Farinha & Bruns (2006), Guimarães & Bruns (2010), Bruns (2015).

A prostituição pode ser uma maneira de ganhar muito dinheiro rapidamente, mais do que se ganharia em qualquer outra profissão, fazendo com que a mulher possa participar mais ativamente da sociedade de consumo, proporcionando sentimentos de liberdade e autonomia (Guimarães & Bruns, 2010).

Categoria 4 – Projeto de Vida: perspectivas futuras

Isso aqui que não é (risos). É mais um extra... (silêncio) bom eu já construí uma casa nesse um ano que estou aqui e agora eu estou em busca de montar uma fabriquinha, sabe? De corte e costura, então acho que mais uns dois anos eu consigo. Mais uns dois anos... Conversar assim com essa roupa me deixa com vergonha... Pra mim não tem problema... É que é roupa de trabalho, se eu tivesse de roupa normal era mais fácil conversar [puxando a saia para baixo].

A colaboradora demonstra uma relação autêntica com a profissão, denotando estar claro para ela o caráter transitório e a concretização de seus futuros projetos.

O incômodo em estar dialogando com *roupa de trabalho* em uma situação fora do trabalho, apesar de ser o mesmo ambiente, evidencia a separação nítida entre os papéis profissional e pessoal por ela desempenhados.

Perfil da Colaboradora 3 - Teresa

Teresa tem 32 anos de idade, começou a se prostituir aos 30, e é solteira. Tem um namorado há 07 meses. Declara-se negra. Sua religião é espírita kardecista. Tem dois irmãos mais novos e um filho de 11 anos, que mora com a sua família no interior da Bahia. Possui ensino médio completo e pertence à classe social C2, segundo a classificação da ABEP. Mudou para sua cidade atual há 02 anos, parou de se prostituir por um período (não soube determinar) e retomou há 08 meses porque não conseguia emprego. Atua no Jd. Paraíso e mora em outro bairro. Recebe em média R\$50,00 pelo programa “básico” e faz em média 12 programas diários. Atende exclusivamente homens. Tem 05 clientes fixos, e afirmou fazer uso de contraceptivo oral e sempre usar preservativo.

Foi contatada pela pesquisadora de maneira espontânea, pois trabalha na mesma casa que a Colaboradora 2 e estava junto no momento da abordagem. A entrevista também foi realizada na sala da casa. A colaboradora estava bastante à vontade e participativa, demonstrando grande interesse na pesquisa.

Categoria 1 – Vida Familiar: Infância, Adolescência e Iniciação Sexual

- Infância na interface com vulnerabilidade social

Que bom que você é psicóloga assim eu posso me abrir... (sorriso)

A minha infância foi lá no interior da Bahia... Não é muito diferente daqui... é e não é... era uma cidade até que boa, mas foi uma infância muito pobre, não tive explicação nenhuma de sexo, eu mesma com 11 anos perdi minha virgindade com uma cenoura...

A intencionalidade de compreensão da pesquisadora e a receptividade da colaboradora em estabelecer o diálogo proporcionaram um relato repleto de significados e sentidos, desvelando de maneira profunda a vida de Teresa.

A fala autêntica desencadeia algo, e a expressão *que bom que você é psicóloga assim eu posso me abrir...* desencadeou o que Amatuzzi chama de reciprocidade. Quando uma pessoa está de fato com a outra (sentimento), mesmo antes que algo aconteça, o fato de estarem ali na

presença uma da outra permite que elas estabeleçam um *pré-sentimento* – que é o primeiro passo no caminhar em direção à reciprocidade (Amatuzzi, 2019, pp.131-150).

- Puberdade e Adolescência, Início da Vida Sexual

(...) minha adolescência foi muito ruim porque eu me envolvi com pessoas ruins, acabei casando com pessoas ruins. Casei com 20 anos e perdi a minha virgindade com ele aos 18 anos. Perdi com a cenoura, mas eu sinto que foi com 18. [Me explica melhor?] Aos 11 anos eu fui estuprada, só que eu só fui lembrar aos 28 anos que isso tinha acontecido e até hoje a pessoa continua dentro da minha casa porque eu não tenho coragem de falar pro meu pai nem pra minha mãe que aquela pessoa me estuprou com uma cenoura... (silêncio) e convive com meu filho... (silêncio).

(...) eu escondi, eu escondia tudo, eu menstruava, molhava a roupa toda aí então eu escondia a roupa. Até então que ela encontrava as roupas, aí ela descobriu que eu estava menstruando. Eu escondia, porque eu tinha vergonha.

Nesse momento caminhamos para o segundo estágio, o da decisão-interpretação como disponibilidade para relação. Teresa decide desvelar suas experiências mais profundas e carregadas de emoção. Nas palavras de Amatuzzi, “é uma mudança que envolve inteiro e pode afetar toda sua vida”, mas ao mesmo tempo demonstra-se ansiosa em falar.

Nos ensina ainda Amatuzzi (2016, p. 142) que “[...] a palavra viva, pois ela é uma proposta e um projeto a respeito da relação. Assim como ninguém aprende a falar sozinho, ninguém fala sozinho (a não ser no sentido mecânico do termo)”.

O diálogo foi estabelecido então de modo autêntico com uma escuta compreensiva, terapêutica, de aceitação incondicional da colaboradora e de sua fala.

Categoria 2 – Educação Sexual

- Educação sexual intrafamiliar

As coisas foi acontecendo e eu fui descobrindo sozinha. A minha mãe nunca foi

daquelas mães de sentar e conversar... Então eu fui descobrindo tudo sozinha, eu nunca tive mãe pra ensinar nada. Ela era daquela mãe antiga, ela não senta pra explicar nada (silêncio), hoje ela já é diferente.

Novamente se desvela a fala autêntica, que resgata o novo e transforma. A colaboradora relatar a ausência de diálogo e de educação sexual intrafamiliar consegue perceber a mudança do comportamento da mãe, atualizando que hoje a mãe é diferente.

- Educação sexual extrafamiliar

Antigamente não tinha, eu não tive esse negócio de educação sexual na escola, na minha época eu não tive isso, explicação sobre as doenças sobre gravidez eu não tive. Fui da escola pública então eu não tinha. Só aprendi de adulta porque praticamente eu fui aprender agora pra te falar a verdade, sei que existe várias doenças. (...) ah... eu aprendi mesmo foi aqui, de adulta (silêncio).

Só aprendi de adulta porque praticamente eu fui aprender agora pra te falar a verdade, sei que existe várias doenças... eu aprendi mesmo foi aqui, de adulta.

Teresa desvela uma realidade comum a muitas mulheres, não somente à profissional do sexo: a descoberta e compreensão da sexualidade apenas quando adulta, no diálogo com amigas, na própria experiência, e outras situações que colaboram para a manutenção dos mitos e tabus acerca da sexualidade.

Categoria 3 – Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional

Ah uma amiga... que nem tá mais aqui (sorriso), ela tá em outra cidade, eu também, dou uns tempos daqui, volto. Mas o dinheiro é muito bom, é bom mesmo (risos). Ganho bem aqui, pago minhas contas e tenho tudo o que quero.

A colaboradora demonstra estar à vontade no diálogo, sorrindo bastante, principalmente ao falar dos ganhos financeiros. De fato, ela é quem tem a maior média de clientes diários entre todas as colaboradoras.

Categoria 4 – Projeto de Vida: perspectivas futuras

Não vou mentir para você, hoje faço tratamento para depressão (...) Penso nada não... não penso sair daqui, agora não (silêncio). Aqui não é bom..., mas não é tão ruim assim... como as pessoas pensam. [Gostaria de acrescentar algo?] (...) foi bom conversar com você.

Ao iniciar o relato com a frase: *Não vou mentir para você...* A colaboradora reafirmou a vivência plena da relação na reciprocidade, finalizando com a expressão autêntica *foi bom conversar com você*. Para a Teresa, o encontro da pesquisa foi um momento de conversa na qual ela pode entrar em contato consigo mesma.

Toda fala original é, na realidade, uma resposta (Amatuzzi, 2016, p. 131). A fala autêntica é criativa, espontânea, sem preocupações com a opinião do outro, pois ambas as partes sabem que nesse momento não existe julgamento. A fala é recíproca.

Perfil da Colaboradora 4 - Elisabeth

Elisabeth tem 43 anos de idade, iniciou na prostituição aos 33 anos, e é solteira – não tem relacionamento afetivo no momento. Ela se declara negra e não possui uma religião específica, segue o cristianismo. Tem seis irmãos e um filho de 15 anos. Coursou até o segundo ano do curso superior de Serviço Social e pretende retomar os estudos no próximo semestre. Está na cidade atual há 01 ano, residiu no interior de Minas Gerais anteriormente, mas a família é do Maranhão, sua cidade natal. Declarou-se classe média baixa e pertence ao grupo C2, segundo a classificação da ABEP. Faz de 08 a 12 programas por dia e tem em torno de 07 clientes fixos. Afirmou usar preservativo e, mesmo tendo laqueadura, faz uso do anticoncepcional porque “além de evitar qualquer acidente, ‘faz bem para pele’”. Atende apenas homens e afirmou não atender mulheres e que nunca atenderia por não gostar de mulher “nem para amizade”.

Foi contatada pela pesquisadora de maneira espontânea: frequenta as atividades oferecidas pela UNIRP. A entrevista foi realizada embaixo de uma árvore em frente à residência da colaboradora. Ela mostrou-se bastante à vontade com a situação e interessada em contribuir para a pesquisa.

Categoria 1 – Vida familiar: infância, adolescência e iniciação sexual

A colaboradora descreve o ambiente familiar de sua infância e adolescência como “normal”, sem nada demais em uma cidade pequena do interior do país.

- Puberdade, adolescência e início da vida sexual

(...) até menstruar porque a gente tinha que usar paninho, era horrível ter que lavar aqueles paninhos.

Minha primeira vez foi boa não... Eu tinha uns 18 anos. Eu não gostei muito não e com o tempo a gente vai se acostumando né, foi com meu namorado da época.

De maneira geral, todas as suas respostas foram curtas, objetivas, e pouco desvelaram sobre ela. Durante o relato não fez pausas reflexivas e poucas vezes se expressou de maneira não verbal, refletindo falas automáticas que foram ditas anteriormente e que não mobiliza o novo.

Categoria 2 – Educação Sexual

- Educação sexual intrafamiliar:

Ah, então... não foi bom não. Naquela época lá, naqueles tempos, não tinha, era muito difícil...

Né, porque a minha mãe mesmo ... nem conversava mesmo sobre essas coisas com a gente. Em casa orientação sexual nenhuma. Só falava que não era pra namorar que era pra casar essas coisas de antigamente.

Mas era legal as aulas da escola porque tipo assim, a minha mãe, por exemplo, ela sabia o que ela viveu que foi bem pouco também, não teve experiência nenhuma de escola porque a minha mãe é filha de índio então a mãe dela morreu ela diz que tinha 4 anos de idade então também não teve orientação nenhuma, aprendeu praticamente tudo sozinha...

Falas secundárias ou banais não necessariamente precisam ser curtas e simples, a questão da banalidade vem da falta de originalidade e do fato que não trazem nenhum sentido diferente.

Outra característica dessas falas é que elas, ainda que as vezes complexas, na verdade não trazem nada de novo. São falas que não exigem de nós nenhum verdadeiro esforço de expressão (Amatuzzi, 2019, p. 34).

O relato pouco expressivo da colaboradora não permite muita compreensão e interpretação. O fato de ter aceitado participar da pesquisa não significa que a colaboradora esteja disposta a entrar em contato com o vivido.

- Educação sexual extrafamiliar:

Essas coisas só na escola mesmo e muito pouco...

A mãe explica, mas é diferente na escola tipo assim, na sala de aula tem outras experiências, surge muitas dúvidas, perguntas diferentes que às vezes a pessoa fala e a

gente fica “é mesmo, como que é?”

O relato mostra contradição, inicialmente, a colaboradora afirma que sua educação sexual escolar foi muito pouco. No entanto, na sequência, fala sobre a possibilidade de diálogos e do compartilhamento de experiências.

A fala autêntica pode revelar-se contraditória quando oriunda de uma reflexão, no relato da colaboradora não foi observado esse movimento. Ao contrário, foi possível perceber um distanciamento do conteúdo abordado, evidenciando um relato inautêntico.

Categoria 3 – Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional

O dinheiro aqui é muito bom, muito bom mesmo...

Novamente, observamos mais uma resposta evasiva, indicando o uso de fala secundária. Ao falar dessa maneira, a colaboradora se mantém distante do fenômeno, inclusive distante de si e de sua realidade.

Categoria 4 – Projeto de vida: perspectivas futuras

Então, eu queria mesmo era voltar pra faculdade, porque eu parei no segundo ano de Serviço Social, no tempo que morei lá em Cidadelópolis. Já estou providenciando os papéis, entrei em contato com a faculdade e quero sair logo dessa vida, estou juntando dinheiro porque assim que voltar a estudar vou parar de trabalhar.

Ao falar do projeto de vida e perspectivas para o futuro, a colaboradora entra em contato consigo mesma e com seus projetos, desvelando seus horizontes.

As falas anteriormente banais refletiam o desejo de afastamento da sua trajetória de vida e da prostituição.

Existe também um uso secundário da capacidade de significar (a fala) que decorre de um distanciamento do silêncio originário: é possível falar assim distanciado de si, mas esta fala não envolve a pessoa como um todo e nem a compromete (Amatuzzi, 2019, p. 39).

Ao analisamos as falas separadamente, encontramos pouco sentido, mas ao olhar para o relato como um todo, especialmente a autenticidade expressa no projeto de vida,

uma das hipóteses possíveis é de que a inautenticidade da fala inicial vem do sentimento e do desejo de afastar-se da realidade prostitucional.

Perfil da Colaboradora 5 - Sally

Sally tem 19 anos de idade, iniciou na prostituição aos 14 anos, e é solteira – não tem relacionamento afetivo no momento. Declarou-se negra, e afirma ser macumbeira. Tem quatro irmãos (não falou as idades) e um filho de 02 anos, que mora com a mãe em sua cidade natal. Possui ensino fundamental completo. Sua família reside em uma cidade do interior de São Paulo, sua cidade natal. Ela declarou-se classe média, mas tem classe social D, segundo a classificação da ABEP.

Mudou para sua cidade atual há aproximadamente 5 meses (janeiro/2019). Trabalha e mora no Jardim Paraíso, o valor médio do programa é R\$ 60,00 e faz em média de 10 a 11 programas diários. Possui mais de 5 clientes fixos, mas não soube definir exatamente quantos. Quando respondeu que tinha 5 clientes fixos, chamou uma amiga e perguntou, a amiga deu risada e disse que ela tinha muito mais que isso e que era uma das mais procuradas da “zona”. Atende homens e mulheres. Usa preservativo e faz uso de contraceptivo injetável.

Foi contatada pela pesquisadora por indicação de outras colaboradoras que afirmavam que ela precisava conversar com uma psicóloga. A entrevista foi realizada na garagem da casa em que a colaboradora mora e trabalha. Ela iniciou a entrevista demonstrando desconfiança, mas após a segunda pergunta mudou de atitude e estabeleceu uma postura participativa e de reciprocidade.

Categoria 1 – Vida Familiar: Infância, Adolescência e Iniciação Sexual

- Infância na interface com a vulnerabilidade social

Minha infância quando eu era mais nova, a gente passava por muita dificuldade eu e minha mãe, como ela era faxineira, ela só fazia bico não tinha emprego fixo, tinha a gente... meu pai pagava pensão, só que tinha dia que ele não pagava ou atrasava. Minha mãe também... tinha vez que a gente passava bastante necessidade, mesmo.

No momento inicial, Sally demonstrou desconfiança por meio do olhar e de respostas evasivas no questionário de perfil. Ao iniciarmos a entrevista propriamente dita, com a pergunta aberta sobre a vida, porém, houve uma mudança, inclusive postural.

A expressão corresponde a um posicionamento em que sujeito e mundo se definem mutuamente (Amatuzzi, 2019, p. 128).

E assim ela iniciou seu relato autêntico, posicionando-se no mundo e desvelando sua trajetória.

Sally, desvela as condições de vulnerabilidade social, a ausência paterna e as dificuldades enfrentadas pela mãe.

Categoria 2 – Educação Sexual: Intrafamiliar e Extrafamiliar

Em relação à educação intrafamiliar, a colaboradora relatou que não aprendeu nada, sem acrescentar mais nada. Por isso, não é possível uma construção de análise mais profunda. No entanto, nesse caso há a hipótese de que a educação se deu pelo silêncio.

- Educação sexual Extrafamiliar:

Algumas coisas foram na escola, mas, quando eu cheguei aqui (apontando para o bairro) minhas amigas sempre me falaram que era pra eu usar camisinha. Só que no começo eu não sabia muito de como que era esses negócios, só que depois eu fui aprendendo (silêncio). Hoje em dia tem meninas que tipo, apareceu um menino aqui bonitinho, de carrinho, com dinheirinho, ele pediu pra comer elas... eu mesmo quando eu era mais nova eu ia “no pelo”, beijaria ele, só que como hoje em dia não, eu não faço isso não, com qualquer um, não só cliente... com qualquer um é camisinha porque a doença não tá escrita na testa da pessoa, né?! E seria bom poder tipo, eles [escola] ensinar, mas dando um susto a mais, poder mostrar o que a doença faz, o que a doença pode fazer, porque querendo ou não, uma sífilis, querendo ou não, amanhã ou depois tem cura, mas, e uma AIDS, hepatite B ou C? Aí já é foda... Eu mesmo, depois que as meninas começaram a me mostrar o que a AIDS fazia, o que a “coisa” fazia na internet... nunca mais eu quis ficar sem... (silêncio) [E em casa?] Em casa aprendi nada não...

A colaboradora nesse momento relata de maneira intensa e detalhada, repleta de significados, o processo de educação extrafamiliar, afirmando que algumas *coisas* aprendeu na escola, mas que o grande aprendizado foi na prática prostitucional.

A fala autêntica se desvela no uso das próprias palavras, da reflexão provocada ao falar. Ao desvelar suas experiências pessoais e a dificuldade que teve no início com o uso do preservativo, ela vivencia o saber vivo e o dizer-se a si mesma que são essenciais para compreender a si própria, sua trajetória, e por fim seus projetos de vida.

Categoria 3 – Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional

Eu chorei muito, porque eu não gostava, só gostava de fazer com quem eu tinha... tipo, gostava, sabe? Que eu era a fim, eu gostava de ficar só com pessoas que eu tinha tipo um vínculo. E ele era bem mais velho que eu, só que foi ruim, mas, depois eu fui me acostumando. [Essa primeira vez você fez programa tinha quantos anos?] Eu tinha 14 anos.

Aí um dia eu morando com a minha mãe tinha acabado o gás e tinha um amigo da minha mãe que veio falar uma vez de uma pessoa que queria poder ficar comigo e queria poder estar pagando. Aí tinha acabado o gás, minha mãe não tinha dinheiro e minha mãe chorando, nós sem comer e eu fui, liguei pra esse cara e fui. A primeira vez foi horrível, né?!

Sally realmente escuta o que diz e o que é perguntando, estabelecendo um diálogo autêntico. O caminhar em direção à autenticidade se intensifica e a colaboradora decide desvelar vivências extremamente íntimas, relativas ao sofrimento e ao desprazer de relacionar-se sexualmente por dinheiro e que na prática prostitucional esses sentimentos diminuem, como ela relata: *depois eu fui me acostumando*.

A fala autêntica é aquela que se dá no diálogo e, portanto, não apenas no falar diante de alguém, mas no falar para alguém (...) está implícito no falar autêntico um escutar. A fala autêntica será uma resposta (Amatuzzi, 2016, p. 39).

A continuação do relato da colaboradora foi de fato uma resposta, ao desvelar a vivência da exploração sexual, aos 14 anos, em troca de um botijão de gás. Essa fala corrobora o que outros pesquisadores (Farinha & Bruns, 2006; Guimarães & Bruns, 2010) desvelaram: a prática prostitucional seja ela de rua, de luxo, de adolescentes ou de adultos, é mantida pelo cliente e pela relação de poder que envolve a prostituição.

Categoria 4 – Projeto de Vida: perspectivas futuras

Pra mim, ter uma vida melhor amanhã ou depois, poder dar um futuro melhor pro meu filho, dar um futuro melhor pra minha mãe porque ela que cuida do meu filho agora, faz quatro meses. Eu quero amanhã ou depois poder fazer um curso de

enfermagem, poder sair daqui comprar uma casa, comprar um carro, trabalhar, enfermagem é o que eu quero, isso é o meu futuro, é o que eu desejo pra mim.

(...) E eu não vou ficar pra sempre aqui não... Não é o que eu quero... é só até eu comprar uma casa.

A colaboradora compartilha suas perspectivas que atravessam questões financeiras, mas caminham na direção da busca de sentido para sua existência. Ao falar do filho, da mãe, dela mesma, de uma possível profissão diferente desta, ela desvela um sentido que diz respeito à totalidade de sua vida e não só do seu presente.

Perfil da Colaboradora 6 - Lucia

Lucia tem 54 anos de idade, iniciou na prostituição com “20 e poucos anos”, não se lembra com exatidão; ficou muitos anos sem se prostituir e retornou em algumas vezes. Está trabalhando no Jd. Paraíso há 02 anos. É divorciada e não mantém relacionamento no momento. Primeiro se declarou como viúva, mas depois disse que o ex-marido havia morrido bem depois da separação. Sua religião é católica, mas diz não praticar. Tem um irmão mais velho, uma filha de 36 anos e um neto. Estudou até a 6º série do ensino fundamental.

Sua família mora em sua cidade natal, no interior de São Paulo. Ela se declarou como pobre, mas possui imóvel e veículo próprio e sua classe social é C1, segundo a classificação da ABEP. Trabalha e mora no bairro. O valor médio do seu programa é R\$ 50,00, mas afirmou aceitar R\$40,00 ou R\$30,00, e que prefere atender clientes já conhecidos ou clientes fixos. Faz em média 05 programas, atende apenas homens e faz uso de preservativo.

Categoria 1 – Vida Familiar: infância, adolescência e iniciação sexual

- Infância na interface com a vulnerabilidade social,

Minha infância foi muito dura, que infância? Na verdade, não tive infância... a gente brincava e tudo, cidade pequena... mas eu trabalhava muito, minha família era muito pobre, e eu sempre precisei ajudar, eu saia pra catar “lavagem”... pros porco, minha mãe criava e engordava porco, vendia porco, fazia sabão e eu tinha que catar “lavagem” todo dia, nunca faltou comida em casa, mas a gente era muito pobre...

A colaboradora Lucia se mostrou decidida e disponível ao diálogo desde o primeiro momento, nossa hipótese é de que por ter 54 anos em um ambiente no qual aos 30 se é considerada velha, somado às próprias vivências, a colaboradora busca autenticidade.

A infância na interface com a vulnerabilidade é relatada de maneira tão autêntica que provoca inclusive seu próprio questionamento: *que infância?* Pergunta que ela própria responde: *Na verdade, não tive infância.* O diálogo é profundo e vai além das questões objetivas, mas ela busca os significados dessas experiências.

- Puberdade, adolescência e iniciação sexual

Aí quando peguei uns 14 anos, ficando mocinha, minha mãe achou que eu não podia mais ficar catando lavage, não pegava bem, uma mocinha, ficar andando pra rua sozinha, com lavage... e o perigo também... aí ela arrumou um serviço em casa de família, família de gente fina mesmo, a patroa... Nossa que mulher boa era aquela, ela tinha tido a Nina e precisa de alguém pra ajudar, nossa, a Nina gosta demais de mim até hoje, ela é advogada igual o pai dela... Empregada, cozinheira tinha tudo na casa, eu era só pra cuidar da menina.

Ela não queria que eu parasse de estudar..., mas aí vem as más companhias, as ideia errada e eu botei na cabeça que queria trabalhar no comércio, queria morar na cidade grande. Aí saí de lá... que besteira, iludida... trabalhei com venda, numas lojas, no comércio, tive uns namoradinhos.

Lucia revela a busca de sentido durante a adolescência, o desejo de preencher o vazio relatado na ausência da infância. A fala da colaboradora é densa, desvelando fatos de uma história não muito distante e comum nas cidades do interior.

Categoria 2 – Educação Sexual: Intrafamiliar e Extrafamiliar

Lucia não relatou educação sexual intrafamiliar, além das questões geracionais ela saiu de casa no início da adolescência, não convivendo com a família nesse período. A omissão nesse caso pode de fato indicar a ausência de educação intrafamiliar.

- Educação sexual extrafamiliar:

Ela que me ensinou tudo, tudo essas coisas, ensinou eu cuidar dos meus paninhos... tudo limpinho... ela era boa demais, conversava muito comigo, eu era igual uma filha mais velha.

Eu falo pras meninas daqui uma mulher tem muita defesa em casa e não pode deixar homem bater não, se não ele te mata... ele começa te batendo, amanhã ele mata. Sabe, eu converso muito com elas, eu sou mais velha, eu dou muito conselho... eu tenho dó. Elas não têm cabeça.

A colaboradora relata a educação sexual extrafamiliar que vivenciou com a patroa, e desvela seu papel como educadora nesse momento da vida. Ao relatar a maneira como conversa com as *meninas* acerca da violência doméstica, ela ressignifica sua trajetória.

Categoria 3 – Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional

Aí fiquei desempregada, meu irmão nunca teve cabeça, e resolvi vir pra cidade grande (referindo-se à cidade atual), chegando aqui não conseguia arrumar emprego... (silêncio). Nossa eu era muito bonita, um corpinho... Você é bonita... Nossa, não... naquela época, tinha uma cinturinha, um peitinho, um bundão, um cabelão preto até aqui ó [mostrando a cintura], os homens ficavam tudo ó [fazendo gestos com as mãos nos olhos], ficavam tudo louco em mim. Mas naquela época não era zona não... nossa, morria de medo desse negócio de zona, achava perigoso... nem pensava. Era mais chacinha... casa sabe. Era diferente de hoje. Lá só tinha menina bonita, menina nova.

Eu gostava muito de luxo, o João dono da loja xxxx, sabe? Ficou doido em mim, trazia caixas e caixas de sapatos, tudo de marca... Czarina, Claudina... E as bolsas? Sempre gostei de luxo. Uma vez, veio até fotógrafo da Playboy... eles vinham pra tirar foto das meninas pra sair naquelas páginas das coelhinhas, sabe? Eu era muito bonita..., mas não tinha muita cabeça nessa época...

Ao relatar o início na profissão, a colaboradora desvela a sua trajetória e a carreira de muitas profissionais do sexo: quando jovem, a vivência da prostituição de luxo e com o envelhecimento a prostituição de rua. No relato, também é desvelado que o comportamento da juventude era voltado para valores diferentes dos atuais. A fala autêntica promove reflexões profundas acerca de quem somos e quem somos no mundo. O que foi prazer em um momento de vida, hoje não faz mais sentido.

Categoria 4 – Projeto de vida: perspectivas futuras

Talvez comprar outra casa para mim (...) eu gosto das meninas (silêncio).

O silêncio dessa resposta é a resposta, nesse momento por se considerar velha, palavra repetida diversas vezes durante a entrevista, talvez de fato Lucia não tenha perspectivas futuras. Apenas deseja estar no ambiente que lhe é familiar e que lhe traz prazer. Mas verbalizar o prazer de estar no ambiente prostitucional não lhe é possível, por isso o silêncio.

Perfil da Colaboradora 7 - Geni

Geni tem 21 anos de idade, iniciou na profissão aos 20 anos, é solteira e não mantém nenhum relacionamento afetivo no momento. Declarou-se parda, e de religião católica. Tem dois irmãos e não tem filhos. Possui ensino médio completo. A família reside em uma cidade no raio de 150 km de São José do Rio Preto, sua cidade natal.

Geni se declarou pobre e pertence à classe social C2, segundo a classificação da ABEP. Mora na sua cidade atual há 01 ano, declarou ter vindo para fazer o curso de estética e disse à família que está trabalhando no comércio. Atualmente atua apenas no bairro, com valor médio do programa de R\$ 60,00 e número de programas muito variável: em média 07 programas – em dias considerados “bons” faz até 10 programas e em dias menos movimentados, em torno de 05 programas ou até menos. Atende apenas homens, mas não se opõe à presença de mulheres quiserem “ver”; porém diz que não “faria nada” com mulheres. Não possui cliente fixo e usa preservativo.

Geni foi contatada pela pesquisadora por indicação de outras colaboradoras. A entrevista foi realizada na garagem da casa em que a colaboradora mora e trabalha.

Categoria 1 – Vida Familiar: infância, adolescência e iniciação sexual

A colaboradora não relatou absolutamente nada acerca do assunto. Não sendo possível uma análise.

Categoria 2 – Educação Sexual

- Educação sexual intrafamiliar:

(...) mas agora ela fala... hoje, ela ensina para os filhos dela educação sexual... do jeito dela... [Ela?] É, minha mãe... eu não conversava com ninguém sobre essas coisas não... aí se vai vivendo e aprendendo... a gente vai aprendendo... vai fazendo e vai aprendendo...

Considerando o fato de a colaboradora não ter relatado nada acerca da infância, adolescência e iniciação sexual, esse relato sobre sua educação sexual intrafamiliar, referindo-se a mãe e aos irmãos como “filhos dela”, entendemos que a fala desvela conflitos familiares, em especial com a mãe.

- Educação sexual extrafamiliar

Só tive na escola mesmo, em casa não falava sobre isso... só o básico e com os amigos, surgia esses assuntos, né... mas na escola eu tive na escola, só aquelas aulas de doenças, de gravidez...

A colaboradora relata de maneira autêntica a sua percepção acerca da educação sexual escolar: *só aquelas aulas de doenças, de gravidez*. Evidencia que para ela as aulas foram superficiais não promovendo assim um diálogo autêntico com os alunos e uma educação emancipatória.

Categoria 3 – Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional

Eu trabalhava e tudo, mas aí acabei saindo do serviço por conta de amigos, né... Aí como minha cidade é bem pequena é difícil de emprego, aí eu e a Ana Jacinta somos da mesma cidade, somos amigas, aí ela conhecia uma menina lá da nossa cidade que fazia programa aqui, a Lulu, aquela que acabou de entrar, aí perguntou se a gente queria, e aí a gente acabou vindo.

O relato, ainda que verdadeiro, pode ser considerado secundário, isso significa que esses fatos são reais, mas a fala é banal, não ressignifica, apenas reproduz outras falas ditas em outros momentos.

Categoria 4 – Projeto de vida: perspectivas futuras

Sair daqui logo... Eu tô focada no meu salão, tô comprando umas coisas, já comprei várias coisas (silêncio) tô juntando, logo eu tô montando ele.

Apesar de curto, o relato é bastante expressivo, evidenciando seu desejo de sair da prostituição de maneira concreta. A fala manifesta o movimento e a ação na realização do projeto, até mesmo pelo uso da palavra focada. Podendo ser considerada uma fala autêntica.

Perfil da Colaboradora 8 - Ana Jacinta

Ana Jacinta tem 22 anos de idade, começou a se prostituir aos 20 anos, é solteira e não mantém relacionamento afetivo. É católica, e declarou-se parda. Tem três irmãos mais velhos e não tem filhos. Possui ensino médio completo. Inicialmente, declarou-se como classe alta e posteriormente como classe média; segundo a classificação da ABEP pertence à classe social C2. Mudou para cidade atual há 13 meses, em abril de 2018, para fazer um curso de cabelereira; disse à família (que mora em sua cidade natal) que trabalha em salão de beleza. Trabalha apenas no bairro, fazendo em média 08 programas diários. Atende homens e mulheres, mas na maioria homens. Não soube responder se possui ou não clientes fixos (mesmo após explicação não soube especificar). Usa preservativo em todas as relações.

Foi contatada pela pesquisadora por indicação de outras colaboradoras. A entrevista foi realizada na garagem da casa em que a colaboradora mora e trabalha.

Categoria 1 – Vida Familiar: infância, adolescência e iniciação sexual

A colaboradora descreve o ambiente familiar de sua infância e adolescência como não tendo “nada demais”, e que não tinha nada para falar.

- Puberdade, adolescência e iniciação sexual

normal... eu saía, nada fora do normal, tranquila, minha primeira vez foi com um namorado... tinha uns 14. 15 anos. Tive meus namoradinhos e só...

O relato evasivo a tudo que remete à infância, adolescência e família sugere a hipótese de inautenticidade da fala e o desejo de se afastar dessa realidade.

Categoria 2 – Educação Sexual

- Educação sexual intrafamiliar:

Normal, a minha mãe me ensinou essas coisas, me ensinou bastante.

Novamente, a colaboradora relata sua relação intrafamiliar de modo superficial e inautêntico, apenas com falas banais sem provocar nenhuma reflexão.

- Educação sexual extrafamiliar

Na escola, aprendi também... Com os amigos... E se hoje em dia eu tô nessa vida foi porque eu quis, foi opção minha. Não foi falta de aprender... Tive em casa, na escola em tudo os lugares... normal.

Nesse relato, a colaboradora repete o uso de falas secundárias, porém falas secundárias podem ser expressivas e até trazer indícios de algo original.

(...) No entanto, por ser apesar de tudo expressiva (embora não plenamente), a fala secundária mesmo quando inautêntica, contém em sua concretude pistas dinâmicas para o que poderá vir a ser autêntico ou original (Amatuzzi, 2019, p.39).

Quando Ana Jacinta diz: *E se hoje em dia eu tô nessa vida foi porque eu quis, foi opção minha*, ela desvela com muita expressividade o que pode vir a ser uma fala autêntica.

Categoria 3 – Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional

Eu tava precisando muito de dinheiro, aí conversei com umas amigas minha, aí vim pra cá... (silêncio). Ganho bem aqui, compro um monte de coisas, com o dinheiro posso até comprar uma casa né, carro, dinheiro para viajar, passear, eu gosto daqui.

Ana Jacinta, nesse momento do relato, desvela de maneira autêntica sua relação com a Prostituição, diferente de outros trechos que tem falas secundárias sem aprofundamento das questões de significados e sentidos. Desvela a possibilidade de consumir desde que iniciou na prostituição, e ter a possibilidade de consumo faz com ela goste do lugar.

Categoria 4 – Projeto de vida: perspectivas futuras

E agora eu tô fazendo um curso de estética, tô quase terminando já e pretendo sair daqui, né... eu vim pra cá e tô aqui.

A colaboradora, apesar de relatar o desejo de sair, não demonstra de fato esse intuito, fala de modo apenas a repetir a fala de outras mulheres do ambiente prostitucional; não, contudo, se apropriando do discurso com sentimentos, pensamentos e ações próprias.

Ao observarmos o relato como um todo, é possível identificar falas anteriores que revelam o desejo de permanência na prostituição.

Nesse caso, uma hipótese seria o fato de ela não conseguir ou poder assumir para si mesma, seja pelos estigmas, estereótipos, julgamentos sociais e/ou outros, a prostituição como profissão e por isso utiliza nesse momento uma fala inautêntica.

Perfil da Colaboradora 9 - Maria

Maria tem 41 anos de idade, iniciou como garota de programa aos 39 anos, e é viúva há pouco mais de três anos. É católica. Tem sete irmãos, mais velhos e mais novos. Tem duas filhas: uma de 24 e outra de 17 anos. Possui ensino fundamental completo. Mudou com as filhas para a cidade atual há aproximadamente 12 meses (em agosto de 2005), visando melhoria financeira e estudos. Pertence à classe social C2, segundo a classificação da ABEP. Atua como garota de programa em casa, recebe em média R\$60,00 a R\$70,00 por uma hora e meia de programa e faz em média 08 programas diários. Sua clientela é formada por homens, e possui clientes fixos (não especificou quantos); usa preservativo em todas as relações sexuais.

Foi contatada pela pesquisadora por indicação de outras colaboradoras. A entrevista foi realizada na calçada da casa em que a colaboradora mora e trabalha.

Categoria 1 – Vida Familiar: Infância, Adolescência e Iniciação Sexual

- Infância na interface com a vulnerabilidade social

A minha infância foi uma infância difícil porque meu pai se suicidou eu tinha dois anos, então eu fiquei morando com a minha mãe, a minha mãe e quando eu tinha 11 anos faleceu também, foi tudo muito triste, aí eu fiquei morando com a minha avó que era uma pessoa bem ruim... acho que ela não me queria. Eu vivia sozinha...

A autenticidade da fala é observada pelos conteúdos de grande significado sentimental e emocional, como quando ela afirma que a avó era ruim e que não queria cuidar dela.

Além da vulnerabilidade social, Maria desvela sentimentos de solidão e abandono. Para Amatuzzi (2016, 2019), a intencionalidade significativa na expressão do estado de carência e vazio pode ser uma das formas de reconhecermos a autenticidade.

(...) aos 14 anos, ela [a avó] me expulsou de casa então eu fiquei na rua, mas nem por isso eu fui pra vida que eu tô hoje. Aí eu conheci uma família essa família me criou e me tratou como filha. Foi assim pobre muito pobre, mas um pobre que morava na roça, então não passava necessidade... me levou pra roça (silêncio)... trabalhei, tive

ali uma filha mais velha que eles criaram até os 5 anos, até eu casar foi assim. Para te falar a verdade, adolescência mesma eu não tive.

A colaboradora novamente relata vivências e experiências profundas de sua trajetória, a autenticidade da fala permite que ela chegue à conclusão que não teve adolescência. Ao fazer essa afirmação, Maria se recoloca no mundo e assume sua história.

Dizer realmente algo é tomar posição e com isso entrar num mundo novo, pelo menos no que diz respeito a um aspecto particular. A fala autêntica depende mais do “eu posso”, do que “eu sei” (Amatuzzi, 2019, p. 32).

A maioria de nossas falas são banais, corriqueiras e repetitivas, que pouco acrescentam à nossa existência. Poucos são os momentos que nossas falas expressam a verdadeira densidade de nossas experiências (Amatuzzi, 2019).

- Início da vida sexual

(...) com 17 eu já tive uma filha, com 22 anos eu já casei.

Essa fala com pouca informação pode ser analisada por dois horizontes. O primeiro considerando essa fala como banal ou secundária, que não cria significados, não exige nenhum esforço e apenas responde à pergunta feita, cumprindo assim sua função social. O segundo horizonte, o do silêncio, pode indicar o desejo de afastamento do vivido.

No entanto, uma das possibilidades é que os horizontes se encontrem e assim compreendemos que a fala secundária, nesse contexto, complementa o silêncio no desejo de distanciar-se da fala autêntica.

Categoria 2 – Educação sexual: intrafamiliar e extrafamiliar

- Educação sexual intrafamiliar:

Não, não tive, não tive. Geralmente pessoas mais antigas não têm, as famílias antigamente eles tinham medo de falar isso pra gente. Era um não pode isso não pode aquilo e nem pegar na mão podia.

Maria relata de maneira autêntica a educação sexual intrafamiliar pelo medo, silêncio e ameaça, sem a possibilidade de diálogos.

- Educação sexual extrafamiliar:

Aprendi na vida, na rua, no meu trabalho...

Na escola até que às vezes eles falavam alguma coisa...

Eu estudei até a quarta série na roça e, depois que eu tive a minha filha mais velha, que eu fui estudar aí eu já tinha a cabeça melhor.

Aqui, fala de Maria evidencia a educação sexual de muitas pessoas: um conhecimento construído sozinho a partir de fragmentos de informação.

Categoria 3 – Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional

A minha filha veio para fazer faculdade aqui e eu sou muito rígida com as minhas filhas eu não deixo ficar sozinha, aí eu vim. Chegou aqui e eu não consegui emprego, distribui currículo, mas não consegui e aí a minha irmã de criação que já estava aqui há 5 anos me convenceu, daí eu vim.

O relato da entrada na prostituição por dificuldades financeiras ou desemprego é bastante comum, especialmente na situação de prostituição de rua, que tem uma relação próxima com a desigualdade social. No entanto, no relato de Maria, essa fala pode ser a repetição de falas uma vez que a filha está na cidade para fazer faculdade e a irmã já trabalha no bairro há cinco anos.

Categoria 4 – Projeto de vida: perspectivas futuras

Mas até dezembro eu saio dessa vida se Deus quiser. [Dezembro?] É... Eu quero montar um negócio pra mim, na área que eu gosto que é cozinha, então quero montar um negócio pra mim. É o que eu gosto de fazer.

Uma das maneiras para identificar uma fala autêntica é o reconhecimento de algumas características que AmatuZZi denominou como níveis.

No relato dessa colaboradora, observamos alguns desses níveis tais como: os sentimentos nomeados pela fala, quando ela diz *eu gosto*; a intenção significativa na fala em *até dezembro*. E há ainda um terceiro nível, a abertura ou potencial para transcendência, quando ela busca reafirmar a frase repetindo *quero montar um negócio pra mim. É o que eu gosto de fazer*. A reafirmação parece desvelar muito mais um diálogo interno que transcende a entrevista do um diálogo com a interlocutora.

Perfil da Colaboradora 10 - Eny

Eny tem 22 anos de idade, começou a se prostituir aos 17 anos e mantém um relacionamento estável há cinco anos. Declarou-se branca e evangélica. Tem dois irmãos mais novos e não tem filhos. Possui ensino médio incompleto. Sua família reside em uma cidade próxima à que ela reside atualmente. Afirmou ser classe média e pertence à C2, segundo a classificação da ABEP. Mudou para sua cidade atual há aproximadamente cinco anos. O preço médio do programa é R\$60,00 e faz em média de 10 programas diários. Sua clientela é formada por homens e ela tem três clientes fixos; usa preservativo em todas as relações sexuais, o que também exige do parceiro, porque não toma contraceptivo.

Categoria 1 – Vida familiar: infância, adolescência e iniciação sexual

No relato de Eny, o ambiente familiar de sua infância e adolescência é descrito como simples, sem nenhuma situação de dificuldades econômicas ou sociais. Ela relata ter uma boa relação com a mãe, mas que sempre desejou liberdade e autonomia. A omissão da infância não nos permite fazer uma análise mais profunda, mas o silêncio pode indicar dificuldade em resgatar a fala autêntica por existir conteúdos ainda não assimilados.

- Início da vida sexual

Minha primeira vez, eu tinha uns 13. Eu tinha um namorado que eu gostava muito na época, (afff)... falei que ia dormir fora e ela pegou e arrumou a bolsa pra mim com camisinha, com gel, com roupinha e tudo mais. Mas foi muito bom pra mim em partes... a minha primeira relação foi péssima, mas tá valendo. [Que parte?] Minha mãe... Ah você vê, minhas amigas tudo já tiveram filho... tudo novinha... e eu sempre me protegi, nunca tive doença...

Ao relatar sua primeira relação sexual e os preparativos junto com a mãe, Eny ressignifica seu passado e se compara com suas amigas, relacionando o fato de não ter filhos precocemente ou contágio por infecções sexualmente transmissíveis aos cuidados materno que recebeu.

É pela fala original que o homem transcende a si mesmo em direção a um sentido novo. Isso não é mero movimento cognitivo. É um movimento existencial (Amatuzzi, 2019, p. 27).

Em “Por uma psicologia humana”, Amatuzzi (2019) esclarece que a fala autêntica não é antecedida pelo pensamento e sim pela intencionalidade, e que nos apropriamos de nossos pensamentos quando falamos.

Categoria 2 – Educação sexual

- Educação sexual intrafamiliar:

... em casa eu aprendi tudo. A minha mãe sempre me ensinou tudo, tudo, tudo... como usar camisinha, como usar um absorvente, ela me ensinou tudo, tudo. Pra mim foi muito bom né, porque às vezes se ela não tivesse me orientado às vezes seria pior, poderia até ter engravidado (silêncio)...

Nesse trecho, a colaboradora novamente relata de modo autêntico a relação dialógica que tinha com a mãe a respeito da sexualidade. Demonstrando que o diálogo foi significativo para ela e a consequência seria assimilação dos ensinamentos da mãe e aplicação desse conhecimento quando ela reafirma não ter engravidado.

As práticas sexuais vivenciadas no início da vida sexual de fato tendem a se manter ao longo da vida, por isso a educação sexual é tão importante nessa fase (Hugo et al, 2011).

Para Amatuzzi, durante o processo educativo a pessoa pode até esquecer o que foi vivido, mas se houver sentimento, o que foi vivenciado permanecerá de alguma maneira.

De fato, Eny relatou sempre ter relações sexuais com preservativo tanto com os clientes quanto com o seu parceiro e não ter dificuldades quanto ao planejamento familiar, comportamento que ela afirma ter desde a adolescência.

- Educação sexual extrafamiliar

Aprendi em casa, na escola pouco porque eu não era de frequentar a aula.

Hoje as pessoas aprendem mais na escola do que dentro de casa.

A colaboradora assume a responsabilidade pela *pouca* aprendizagem escolar devido à falta de assiduidade às aulas. A expressão de responsabilidade é um movimento difícil, mas nessa expressão a colaboradora assume a decisão de revelar seu comportamento em relação ao ambiente escolar.

Não apenas expressar, é expressar de tal modo que equivale a uma decisão, mas também o que expresso, o que crio ao expressar é decisão (Amatuzzi, 2016 p.125).

A fala autêntica como resposta a essa pergunta evidencia que temos falas autênticas e inautênticas o tempo todo. Nossas falas dependem do conteúdo suscitado no diálogo, da qualidade do encontro, da abertura do interlocutor à escuta e da decisão pessoal de expressão.

Categoria 3 – Prostituição: trabalho e ambiente prostitucional

(...) eu tô aqui porque eu quero, porque ganha bem.

A resposta simplista e direta nos remete a uma fala banal que consiste na repetição do discurso comum no seu relato. Todavia, esse relato, retomando Amatuzzi (2016, 2019), sugere uma intencionalidade de não se desvelar ou ainda um desejo de não ser o que se é; o caminho para a fala autêntica é o caminho da autenticidade e ele começa pelo reconhecimento de quem sou e onde estou.

Esse relato não nos permite maiores esclarecimentos, mas deixamos aqui uma das possibilidades de reflexão.

Categoria 4 – Projeto de vida: perspectivas futuras

*(...) queria sair de casa, ter independência, ter meu dinheiro. [E o futuro?]
(silêncio) Nem penso... (silêncio).*

A colaboradora desvela em seu relato o projeto de sair de casa devido aos conflitos familiares e a busca pela autonomia. Mas após a realização do projeto inicial, não consegue construir um novo projeto. Afirma inclusive nem pensar sobre o assunto e ao não pensar sobre o assunto a colaboradora bloqueia a construção de sentidos.

Para Amatuzzi (2016), a fala original, o desenvolvimento a produção de projeto se dá por processos perceptivos e decisórios. A dificuldade de expressão de um projeto no caso de Eny revela a dificuldade de criação, construção e realização de projeto de vida nesse momento.

6 PROFISSIONAIS DO SEXO NA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS HORIZONTES DA FENOMENOLOGIA

Este momento consiste na identificação das convergências e das divergências encontradas nas análises dos relatos das dez colaboradoras.

O resgate da fala autêntica a partir dos relatos compartilhados pelas profissionais do sexo acerca de suas trajetórias de vida, em especial das vivências de educação sexual intrafamiliar e extrafamiliar, nos permitiram compreender e interpretar os significados atribuídos por elas. Desvelando por meio da análise o fenômeno: *profissionais do sexo na interface com a educação sexual nos horizontes da fenomenologia*.

Iniciamos pelos horizontes da **vida familiar: infância, adolescência e iniciação sexual**, visto que as primeiras experiências sexuais e de educação sexual já são vivenciadas nesse momento. Observamos a convergência entre seis colaboradoras a respeito da infância na interface com vulnerabilidade social: nossas colaboradoras expressaram-se de modo autêntico, suas falas precedidas de silêncio revelam experiências de sofrimento com frequentes expressões como “horrível”, “péssima”, “pobre”, entre outras.

A condição de vulnerabilidade social vivida pelas colaboradoras Teresa, Sally, Lucia e Maria desvelam situações que extrapolam as questões da pobreza e da exclusão social; em seus relatos foram reveladas situações de violência e exploração sexual, de exploração do trabalho infantil, da assunção de responsabilidades do universo adulto como cuidar dos irmãos, da ausência de vínculos familiares afetivos construtivos e seguros.

Colaboradora Teresa: *foi uma infância muito pobre, não tive explicação nenhuma de sexo, eu mesma com 11 anos perdi minha virgindade com uma cenoura (...) eu fui estuprada.*

Colaboradora Sally: *Minha mãe também... tinha vez que a gente passava bastante necessidade, mesmo. Aí um dia eu morando com a minha mãe tinha acabado o gás e tinha um amigo da minha mãe que veio falar uma vez de uma pessoa que queria poder ficar comigo e queria poder estar pagando. Aí tinha acabado o gás, minha mãe não tinha dinheiro e minha mãe chorando, nós sem comer e eu fui, liguei pra esse cara e fui.*

Colaboradora Lucia: *minha infância foi muito dura, que infância? Na verdade, não tive infância... a gente brincava e tudo, cidade pequena... mas eu trabalhava muito, minha família era muito pobre, e eu sempre precisei ajudar, eu saía pra catar “lavagem” ...*

É possível observar no relato dessas mulheres acerca da infância o modo como construíram seus mundos. Esta fala inaugural e autêntica desvela-se pelo uso das palavras em um estilo próprio de narrar suas trajetórias de vida.

Podemos dizer que cada um tem sua língua própria, constrói, com a forma que usa sua língua, seu jeito próprio (diríamos em português) de falar, o que equivale a dizer, seu jeito próprio de se relacionar ou de construir o mundo. E temos aqui um segundo nível de determinação: somos tributários não apenas da comunidade onde fomos socializados, mas também da nossa própria história pessoal (Amatuzzi, 2019, p. 30).

Desse modo, compreendemos que esses relatos nos revelam as vivências que construíram seus mundos na vida adulta, com dificuldades de estabelecimento de vínculos, de entrada no mercado formal de trabalho, e falta de perspectivas e de projetos de vida.

Quanto aos relacionamentos e configurações familiares, houve convergência de nove entre dez colaboradoras acerca de dificuldades de relacionamento com suas mães, revelando relações conflituosas, descrevendo as mães como ruins, autoritárias e pouco afetivas. A respeito da relação paterna, oito das dez colaboradoras não mencionaram a figura paterna em todo o relato e as divergências encontradas, ou seja, colaboradoras que mencionaram o pai, revelaram a ausência deles. A colaboradora Maria relata o suicídio do pai aos dois anos, seguido da morte da mãe aos 11, e do abandono da avó aos 14 anos. E a única referência de Sally ao pai é quanto ao não pagamento da pensão e as dificuldades da em consequência disso, a colaboradora refere-se à mãe com carinho falando do desejo de cuidar dela.

Compreender, para Amatuzzi (2019), é ouvir o silêncio de qualquer fala, autêntica ou inautêntica. Ao fazer a leitura e releitura dos relatos, compreendemos a fragilidade dos vínculos familiares e a ausência paterna como uma vivência comum a todas as colaboradoras, a menção ao pai de maneira banal e pouco profunda indica, além de sua ausência, uma fala secundária.

No entanto, por ser apesar de tudo expressiva (embora não plenamente), a fala secundária, mesmo quando inautêntica, contém em sua concretude pistas dinâmicas para o que poderá vir a ser autêntico ou original (Amatuzzi, 2019, p. 39).

Ainda nos horizontes da **vida familiar: infância, adolescência e iniciação sexual**, destacamos questões relacionadas à menarca, onde encontramos convergência em quatro colaboradoras a respeito de vivências negativas, confusas ou até mesmo assustadoras em relação à menstruação, utilizando de terminologias até mesmo pejorativas em relação a menstruação. Essa atitude desvela a ausência ou negligência de educação sexual sobre o assunto.

Amatuzzi (2016) dialogando com Paulo Freire explica que o discurso do opressor se expressa por meio da fala do oprimido, no processo educativo a pessoa tem a possibilidade de aquisição da própria palavra, desvelando suas vivências.

É uma palavra que, de certa forma, foi colocada na boca das pessoas sem que nascesse de seu coração. O percurso no qual se formaram tais palavras não é o de dentro para fora, mas o de fora para dentro. (Amatuzzi, 2016, p.67).

A escolha ou não escolha de uma palavra reflete o silêncio da educação sexual intrafamiliar e a reprodução desse silêncio na idade adulta. Revelado pela dificuldade em nomear a menstruação. Palavra que designa o fenômeno fisiológico, compreendido como um dos principais marcadores do início da puberdade feminina e com sentido sociocultural significativo em diversas culturas por sinalizar a possibilidade de fertilidade.

No caso da menstruação é comum nos depararmos com expressões como estar "de chico", "de boi", "de bode", estar "de regras", "naqueles dias", estar "doente", "indisposta", "doente dos tempos", entre outros termos. O modo codificado de se referir ao próprio corpo durante a menstruação nos permite refletir sobre como fenômenos comportamentais estão enredados em uma trama linguística, em que as palavras quando analisadas isoladamente nem sempre conseguem dar sentido a um dado fenômeno social, porém quando examinadas dentro de um contexto específico nos ajudam a compreender como determinadas palavras configuram expressões tabus. (Moreira, 2013 p. 58).

No entanto foi observado divergência nos relatos de Ana e Eny que relataram ter recebido

educação sexual intrafamiliar por parte das mães e extrafamiliar em suas escolas, demonstrando não terem vivenciado dificuldades com as questões da puberdade.

A baixa escolaridade e a vulnerabilidade social são fatores de grande influência para o início precoce da vida sexual. As situações de exploração do trabalho infantil e a busca pelo próprio sustento pode acelerar as vivências do mundo adulto, inclusive a vida sexual (Dias & Teixeira, 2010).

O início da vida sexual é um marco na vida dos adolescentes. A iniciação sexual das colaboradoras foi vivenciada de maneiras diversas, com namorados, relacionamentos eventuais e até mesmo estupro. A convergência observada relativa à iniciação sexual é a precocidade.

O início sexual precoce aumenta significativamente as chances de doenças sexuais e gestações indesejadas. Uma das ações que poderia minimizar a iniciação sexual precoce e os riscos dela decorrente seria a educação sexual escolar (Villela et al, 2006).

As colaboradoras relataram suas vivências acerca da **educação sexual intrafamiliar e extrafamiliar**. Ambas apesar de apresentadas de maneiras distintas nessa pesquisa, se relacionam e influenciam mutuamente, no contato intrafamiliar e extrafamiliar interagindo criando na pessoa sua própria ideia de sexualidade.

A relação entre estas duas formas de educação sexual é estreita, pois quando chega à escola, cada pessoa já carrega consigo os valores sexuais transmitidos pela cultura e sua concepção de sexualidade foi influenciada pela família e pelo grupo social do qual faz parte. Assim, a educação sexual escolar precisa não apenas orientar, ensinar, informar, mas também discutir, refletir e questionar esses valores e concepções de maneira a possibilitar que cada indivíduo tenha uma compreensão dos referenciais culturais, históricos e éticos que fundamentam sua visão de sexualidade e sua prática sexual (Maia & Ribeiro, 2011, p.76).

Nessa categoria, encontramos convergências em oito das dez colaboradoras que revelaram a ausência de um diálogo autêntico a respeito da sexualidade no ambiente intrafamiliar imperando o silêncio ou falas autoritárias e sem maiores esclarecimentos. Para melhor compreensão do leitor, apresentamos dois relatos que evidenciam essa vivência.

Colaboradora Maria: *Não, não tive, não tive. Geralmente pessoas mais antigas não têm, as famílias antigamente eles tinham medo de falar isso pra gente. Era um não pode isso não pode aquilo e nem pegar na mão podia.*

Colaboradora Elizabeth: *Ah, então... não foi bom não (silêncio). Aí horrível, nossa horrível. Naquela época lá naqueles tempos não tinha, era muito difícil...*

(...) né, porque a minha mãe mesmo... nem conversava mesmo sobre essas coisas com a gente. Em casa, orientação sexual nenhuma. Só falava que não era pra namorar que era pra casar, essas coisas de antigamente.

Colaboradora Risoleta: *Aprender sozinha é muito triste (silêncio), mas se eu tivesse tido mais seria melhor... (silêncio e suspiro) acho que nem engravidado eu teria na verdade, porque eu sou novinha ainda (silêncio). Tipo a gente sabe isso aquilo e que tem que usar anticoncepcional e tals, mas quando a mãe não está em cima a gente fica meio desligadona (silêncio).*

Nesse sentido, enfatizamos a fala autêntica original de Risoleta, que rompe o silêncio provocando uma reflexão sobre sua existência e a revelação de um mundo novo.

O que representa a fala autêntica? O que ela faz, ou cumpre? Tomada de posição do sujeito, estruturação da experiência, modulação da existência, transcendência em direção ao comportamento novo. (...) Dizer realmente algo é tomar posição, e com isso entrar num mundo novo, pelo menos no que diz respeito a um aspecto particular (Amatuzzi, 2019, p. 32).

Ao falar a respeito da educação sexual intrafamiliar em sua vida, a colaboradora demonstra a importância de uma educação efetiva para ela. Refletindo sobre como a sua trajetória de vida poderia ter sido diferente e como a educação sexual poderia colaborar para a prevenção da gravidez precoce.

Por meio dos relatos divergentes das colaboradoras em relação à educação sexual intrafamiliar, destacamos os relatos de Ana Jacinta e de Eny: as únicas que não possuem filhos e fazem parte do grupo que tiveram educação sexual extrafamiliar.

No relato de Ana Jacinta, ela enfatiza o ato da escolha pela sua profissão e destaca o fato da sua escolha profissional não ter relação com a educação sexual vivida.

Colaboradora Ana Jacinta: A minha mãe me ensinou essas coisas, me ensinou bastante. Na escola aprendi bastante também... Com os amigos... E se hoje em dia eu tô nessa vida foi porque eu quis, foi opção minha. Não foi falta de aprender... Tive em casa, na escola em tudo os lugares.

A educação sexual extrafamiliar caminha em horizontes semelhantes ao da intrafamiliar e a escola, para essas colaboradoras, demonstra ter falhado em relação à educação sexual. Observamos convergências em seis colaboradoras acerca do silêncio ou de falas secundárias²⁴ a respeito da sexualidade. Essas colaboradoras descrevem um ambiente institucional-escolar que não permite a construção de uma educação sexual numa perspectiva emancipatória.

Colaboradora Gabriela: Então, não tive educação nenhuma, nem dela [referindo-se à mãe] nem na escola... o que aprendi, aprendi na vida, sozinha.

Colaboradora Risoleta: Na escola falava mais sobre os órgãos: o do menino e o da menina, explicava certinho, nada das coisas mesmo, isso não, não tinha não...

Colaboradora Teresa: Antigamente não tinha, eu não tive esse negócio de educação sexual na escola, na minha época eu não tive isso, explicação sobre as doenças sobre gravidez eu não tive. Fui da escola pública então eu não tinha. Só aprendi de adulta porque praticamente eu fui aprender agora, pra te falar a verdade, sei que existe várias doenças (...) ah... eu aprendi mesmo foi aqui, de adulta (silêncio).

As colaboradoras que tiveram relatos divergentes acerca da educação sexual

extrafamiliar: Sally, Geni, Ana Jacinta e Eny vivenciaram a educação sexual no ambiente escolar. Ao analisarmos o perfil das colaboradoras observamos que essas também são as mais jovens: com 19, 21, 22 e 22 anos de idade respectivamente, frequentando o ambiente escolar a partir do ano 2000, período em que por meio dos Temas Transversais – Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs, (1997), dos Eixos Temáticos / Norteadores – Diretrizes Curriculares Nacionais, DCNs (2013), a educação sexual fez parte dos documentos normativos para as redes de ensino. Em relação aos Temas Contemporâneos (Transversais e Integradores) – Base Nacional Comum Curricular, BNCC (2017/ 2018), não podemos considerar como possível influência, pois as colaboradoras já haviam deixado a escola no período.

Essa análise indica que as normatizações anteriormente citadas possibilitaram de alguma forma o acesso das colaboradoras à educação sexual escolar.

Partimos, portanto, do princípio que a educação sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa; e instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero. A intervenção sempre deverá ser feita por profissionais formados e capacitados nessa área e o trabalho planejado e sistematizado, com tempo e objetivo limitados, com ações que possibilitem informar, debater e refletir sobre questões da sexualidade com os educandos. (Maia & Ribeiro, 2011, p.77).

A análise dos relatos acerca da **prostituição como trabalho e ambiente prostitucional**, revela convergência em relação ao ingresso na profissão por questões financeiras de dez entre dez colaboradoras. Outros pesquisadores como Guimarães e Bruns (2010) e Farinha e Bruns (2006) observaram motivações semelhantes para o início da prática prostitucional.

Guimarães e Bruns (2010) evidenciaram a questão do *estereótipo da necessidade* como justificativa para o início na prostituição, que seria um discurso simplista com a finalidade de sensibilizar o ouvinte ou uma autojustificativa que minimizaria para a

profissional o estigma da profissão.

A fala nesse caso seria inautêntica por não refletir os sentimentos ou pensamentos da pessoa, ou por refletir apenas parte deles. Nesses relatos, podemos observar a motivação financeira, mas não só por questões de “necessidade”.

Colaboradora Maria: A minha filha veio para fazer faculdade aqui e eu sou muito rígida com as minhas filhas eu não deixo ficar sozinha, aí eu vim. Chegou aqui e eu não consegui emprego, distribui currículo, mas não consegui e aí a minha irmã de criação que já estava aqui há 05 anos, daí eu vim.

Colaboradora Ana Jacinta: Eu tava precisando de muito dinheiro, aí conversei com umas amigas minha, aí vim pra cá... (silêncio). Uma casa né, carro, dinheiro e ficar aqui na cidade mesmo, viajar só pra passear, eu gosto daqui.

Embora a prostituição de rua de fato tenha uma relação íntima com a desigualdade social, subsistência e outras questões da nossa sociedade, também observamos relatos que desvelam por meio de expressões autênticas o desejo de autonomia financeira, crescimento profissional, realização de sonhos e a possibilidade de fazer parte da sociedade do consumo (Farinha & Bruns, 2006).

Na última categoria **os projetos de vida**, houve convergência de sete entre dez colaboradoras quanto ao desejo de deixar a prostituição. Para muitas profissionais, o trabalho na prostituição é considerado algo temporário, para fins de sobrevivência ou como complementação de renda.

Colaboradora Gabriela: (...) então, aí eu trabalho com venda de pipoca, de doce no farol, no comércio. Quando eu quero vim eu venho, mas assim, não foco em fazer programa, não é bom pra minha autoestima (...) já saí de morar aqui (mostrando o bairro), eu já saí, o problema é serviço, que nem eu tô esperando o curso (silêncio).

Fixo, carteira registrada, porque quem nem, não tem registro, que nem, você vai chegar na atual idade... e você acaba ganhando dinheiro fácil e perde fácil também, né... não é aquela vida normal que você tem que acordar cedo, levantar cedo, chega do serviço e descansa, limpa a casa.

Todavia, observamos que, além das questões de subsistência, a prostituição pode ser o

meio de aquisição dos recursos necessários para a mudança de atividade ou a realização dos projetos de vida que eram inviáveis pelo contexto socioeconômico das colaboradoras.

Colaboradora Geni: *Sair daqui logo... Eu tô focada no meu salão, tô comprando umas coisas, já comprei várias coisas (silêncio) tô juntando, logo eu tô montando ele.*

A prostituição para essas colaboradoras é a possibilidade de existência no momento e seus projetos de vida são relatados como o motivo ou a justificativa para continuarem na prática prostitucional.

Portanto, a prostituição é vista como uma estratégia de sobrevivência que muitas mulheres encontram para satisfazer suas necessidades mais básicas como moradia e alimentação. Para outras, é o que se tem quando não há a abertura que esperavam do mercado de trabalho (Corrêa & Holanda, 2012).

A transitoriedade da prática prostitucional e a intenção de sair dela torna-se evidente nos relatos de Gabriela e Geni; suas falas desvelam intencionalidade, sentimentos, pensamentos e ações construtivas em direção aos projetos apesar dos desafios existenciais.

No diálogo estabelecido durante a entrevista, tornou-se possível o resgate da fala autêntica, transformadora e existencial das colaboradoras.

Na medida em que uma fala é original, ela não pode ser fixada: isso seria uma secundarização. Mesmo quando conseguimos concluir um projeto, ele já nos abre novas perspectivas, o que possibilita novos posicionamentos. A fala só é viva quando transparente (faz ver outra coisa) e transitória (leva o sujeito). Se nos retivermos num momento, estamos estagnando a vida (Amatuzzi, 2016, p. 197).

Segundo Amatuzzi (2016), a fala se desdobra em múltiplos significados e sentidos e esse processo proporciona as condições necessárias para a criação e transformação da pessoa, incluindo a construção de projetos.

Três colaboradoras, Teresa, Lucia e Eny, divergiram em relação aos projetos de vida; seus relatos não expressam projetos de vida nem desejo de deixar a prostituição.

Quando a pessoa perde contato com seu coração, ela bloqueia seu processo, e passa a funcionar mais ou menos como autômato (...) é o lugar onde nascem os sentimentos. Mas

também onde nascem os pensamentos e as decisões (Amatuzzi, 2019, p. 128).

O trabalho como profissional do sexo faz com que as mulheres se desapoderem de seus corpos, seja por violência, doenças e outros tipos de agressão, entregando-se a um mundo de ilusões, de exposição a fatores de risco, que reduzem suas perspectivas de futuro e de vida (Bruns & Guimarães, 2010).

Colaboradora Teresa: *Penso nada não... não penso sair daqui, agora não. (silêncio) Aqui não é bom..., mas não é tão ruim assim... [Gostaria de acrescentar algo?] Não.*

Falar autenticamente é compreender o sentido da própria trajetória da vida, o silêncio revela o distanciamento de suas existências, a desorganização de seus mundos, o impedimento de apropriação da palavra e a dificuldade de construção de seus projetos de vida.

A busca pela compreensão do fenômeno: *profissionais do sexo na interface com a educação sexual nos horizontes da fenomenologia*, pela perspectiva fenomenológica amatuzziana, nos permitiu resgatar os significados e sentidos da educação sexual para essas mulheres, contribuindo para uma reflexão mais ampla acerca da importância da educação sexual emancipatória na vida das pessoas.

7 HORIZONTES

O caminhar dessa pesquisa possibilitou desvelar o fenômeno *Profissionais do sexo na interface com Educação Sexual nos horizontes da fenomenologia*. Por meio da compreensão e interpretação de suas experiências, na interface com a educação sexual, aprofundamos e ampliamos o conhecimento acerca da trajetória de vida das profissionais do sexo e seus horizontes.

Ao ouvi-las plenamente e o mais completamente possível, segundo Amatuzzi, possibilitamos a manifestação da resposta autêntica. A partir do relato autêntico das profissionais do sexo, compreendemos que essas mulheres buscaram na prática prostitucional não só sua subsistência, mas uma forma de atenuarem seus sofrimentos, de deixarem ambientes de violência doméstica, de encontrarem um sentido para as suas vidas ou para ressignificarem suas existências através da mudança de suas trajetórias e realização dos projetos de vida.

Resgatar a autenticidade de suas falas e de seus silêncios por meio do diálogo autêntico com uma escuta terapêutica dos seus relatos proporcionou um olhar além da profissão: o desvelamento e a compreensão do Ser como um todo em seu mundo-da-vida.

Refletindo acerca dos diálogos, percebemos a emergência da criação de programas assistenciais, educacionais e de saúde destinados às famílias, voltadas para o estabelecimento e fortalecimento de vínculos, a responsabilização da paternidade e ao estímulo de diálogos intrafamiliares.

A educação sexual ampla de maneira organizada e sistemática possibilitaria a construção de espaços para falar autenticamente acerca da sexualidade. Contribuindo para a vivência da sexualidade de maneira saudável, com maior conhecimento, responsabilidade e escolhas a partir de uma visão livre de estereótipos.

Observamos a necessidade da inclusão de disciplinas de educação sexual nos currículos das universidades a fim de melhorar a formação de profissionais sobre a temática, principalmente nos cursos das áreas de saúde e educação, visto que a maioria das profissionais do sexo e da população em geral não receberam adequada educação sexual intrafamiliar e que a educação extrafamiliar seria a possibilidade de acesso a esse conhecimento.

Por fim, salientamos a formação e desenvolvimento de educadores, psicólogos, pedagogos, profissionais de saúde, assistentes sociais, entre outros, para uma escuta sem preconceitos e principalmente terapêutica das populações em situação de vulnerabilidade, especialmente de crianças e adolescentes, para que possam compreender suas realidades e desenvolver ações de prevenção e combate à exploração sexual.

A concepção de silêncio para AmatuZZi não é a inexistência de som, mas de um lugar embrionário repleto de significações e a fala autêntica é a ruptura desse silêncio em direção a um mundo novo.

Ao ouvirmos os silêncios e as falas acerca da infância, da educação sexual, do início da prostituição, do trabalho e de seus sonhos, compreendemos que a prostituição não é o fim para a maioria das profissionais do sexo, mas o caminho para a entrada no mercado de trabalho, a realização de projetos, a participação da sociedade do consumo e, principalmente, para a busca de sentido em suas existências.

Nesta pesquisa, tivemos a oportunidade de desvelarmos a educação sexual e as vivências de profissionais do sexo em ambiente prostitucional de rua. No entanto, durante a trajetória da pesquisa, com a ampliação dos horizontes acerca do fenômeno, foi despertado o interesse de realizar uma nova pesquisa a fim de compreender a prostituição virtual por meio das novas tecnologias.

REFERÊNCIAS

- Amatuzzi, M. M. (2008). *Por uma psicologia humana*. (2ª ed.). Campinas, SP. Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (2009). *Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista*. Estudos de Psicologia. (Campinas), 26 (1), 93-100. doi: 10.1590/S0103166X2009000100010
- Amatuzzi, M.M. (2016). *O resgate da fala autêntica na psicoterapia e na educação*. Campinas, SP. Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (2011). Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In M.A.T. Bruns & A.F. Holanda (Orgs.) *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. (2ª.ed. pp. 17-26). Campinas, SP. Alínea.
- Assante, J. (1998). *The kar.kid / harimtu, Prostitute or Single Woman Reconsideration of the Evidenc*, Ugarit-Foschungen, 30: 5-96.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISAS (ABEP). (2015). Critérios de Classificação Econômica no Brasil. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (ABEP).
- Banuth, R. F., & Santos, M. A. (2016). *Vivências de Discriminação e Resistência de uma Prostituta Negra*. Psicologia: Ciência e Profissão, 36(3), 763-776. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703002862015>
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Zahar.
- Bertolini, D. B (2015). *Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivências em uma escola de ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, Brasil.
- BRASIL (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*, Rio de Janeiro: Saraiva.
- BRASIL (2001). *Código Penal Brasileiro – Decreto – Lei nº 3.914, de dezembro de 1941*, Rio de Janeiro: Forense.
- Bruns, M. A. T. (2007) *A sexualidade da criança*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, (p. 323-331. 18-2).
- Bruns, M. A. T., & Guimarães, R. M. (2010). *Garota de programa: uma nova embalagem para o mesmo produto*. Campinas: Átomo
- Bruns, Maria Alves de Toledo. (2011). *Psicoterapeutas iniciantes: os desafios das diversidades afetivo-sexuais*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 63(1), 64-74. Recuperado em 10 de maio

de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000100008&lng=pt&tlng=pt.

Bruns, M.A.T. A. Entrevista de Maria Alves T. Bruns ao Programa Tabu Brasil – National Geographic – Prostituição.
http://www.bossanovafilms.com.br/https://www.youtube.com/watch?v=BY4Jnccv_rA.

Acesso em: abril. 2017.

Bruns, M.A.T. (2011). A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses entre a subjetividade e a objetividade. In: M.A.T. Bruns & A.F. Holanda, (Orgs.). *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. (2ª.ed. pp.65-67). Campinas, SP. Alínea.

Buber, M. (2009) *Do diálogo e do dialógico*. Perspectiva. São Paulo.

Cambuy, Karine, & Amatuzzi, Mauro Martins. (2012). Experiências comunitárias: repensando a clínica psicológica no SUS. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 674-683. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000300020>

Carmo, P. S (2011). *Entre a Luxúria e o Pudor - a História do Sexo No Brasil*. São Paulo. Octavo.

Cerbone, D. R. (2017). *Fenomenologia*. (3ª. ed.). Petrópolis, RJ. Vozes.

Corrêa, W. H, & Holanda, A. F. (2012). *Prostituição e sentido de vida: relações de significado*. *Psico-USF*, 17(3), 427-435. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712012000300009>

Delphy, C. (2009) “*Patriarcado*”. In: HIRATA, Helena (Org). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP.

Dias, A. C. G.; Teixeira, M. A. P. (2010). *Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo*. Paidéia Ribeirão Preto [online]. V.20, n.45, p.123- 131.

Dufour, Lacroix Rabuteaux & Lecour (1955). *História da Prostituição*. São Paulo. Antônio de Carvalho.

Eller, C. (2001). *The Myth of Matriarchal Prehistory: Why an Invented Past Won't Give Women a Future*. [S.l.]:Boston: Beacon Press.

Farinha, M.G., Bruns M.A.T. (2006) *Adolescentes Profissionais do Sexo*. Campinas, SP. Átomo.

Foucault, M. (2003). *História da Sexualidade I; a vontade de saber*. (15ª. ed.). Rio de Janeiro. Graal.

Giorgi, A. (1978). *A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*. Belo Horizonte. Interlivros.

Guimarães (2007), R. *Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto. SP.

Guimarães, R., Bruns M. A.T. (2010). *Garota de Programa: uma nova embalagem para o mesmo produto*. Campinas, SP. Átomo.

Heidegger, M. (2005). *Ser e tempo*. (15ª.ed.) Petrópolis, RJ. Vozes.


- Leite, G. (2009) *Filha, Mãe, Avó e Puta*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Lins, R. N. (2015). *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências*. (10ª. ed.). Rio de Janeiro. BestSeller.
- Maia, A. C. B.; Ribeiro, P. R. M. (2011). *Educação sexual: princípios para ação*. Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação, v. 15, n. 1, p. 41-51, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124985>>.
- Moreira, Virgínia Palmeira. (2013). "*Pronto, agora já sou moça*": valores, crenças e saberes que envolvem a menstruação. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande.
- Nenola (1999), Aili. *Gender, Culture and Folklore*. Translated by Laura Stark-Arola. In: ELO – Estudos de Literatura Oral, n. 5.
- Nunes, B. (1992). *Passagem para o poético (Filosofia e poesia em Heidegger)*. São Paulo. Ática.
- Rebolho, A. C. F. (2015). *Estudo bibliográfico das atitudes e comportamentos ligados à prostituição da Pré-História aos dias atuais*. Tese Doutorado, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil.
- Ribeiro, P. R. M. (2005). *A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos*. In.: BORTOLOZZI, Ana Cláudia; MAIA, Ari Fernando (Org). *Sexualidade e infância*. (pp.17-32). Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF.
- Rogers C. R. (2009) *Tornar-se pessoa*. (6ª. ed.). São Paulo. Martins Fontes.
- Roberts, N. (1998). *As Prostitutas na História*. Rio de Janeiro. Record: Rosas dos Tempos.
- Rubio, G. ¿Virgenes o Meretrices? La prostitución sagrada en el Oriente antiguo. Gerión, Madrid, nº17. 1999. Disponível em: <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/ghi/02130181/articulos/GERI99991>
- Sironi, F. M. (2016). *O paternalismo do Estado e os crimes relativos à prostituição*. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 16, n. 2968, 17 ago. 2011. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/19788>>. Acesso em: maio 2016.
- Silva, M. B. (2016) *Profissionais do sexo e o Ministério do Trabalho*. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, I, n. 59, nov 2008. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5233. Acesso em maio 2016.
- Swain, T. N. (2004). *Banalizar e Naturalizar a Prostituição: Violência Social e Histórica*. Montes Claro, Minas Gerais: UNIMONTES CIENTÍFICA, 6 -2.
- Swain, T. N (1995). *De deusa à bruxa: uma história de silêncios* in: Revista Humanidades, Brasília: Edunb, v. 9, n. 1, 1995.
- Villela W.V.D, Doreto D.T. (2006) *Sobre a experiência sexual dos jovens*. Cad Saúde Pública; [online] 22:2467-7220

WHO - World Health Organization (2007). *The WHO strategic approach to strengthening sexual and reproductive health policies and programme*. Geneva: WHO.

Zdebskyi, J. F. (2018). *A prostituta sagrada e os entrelaçamentos transculturais no antigo crescente fértil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, SC, Brasil.

ANEXOS

ANEXO A – Comitê de Ética em Pesquisa

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS		
1. Projeto de Pesquisa: O mundo vivido e a educação sexual de profissionais do sexo, na perspectiva fenomenológica.		
2. Número de Participantes da Pesquisa: 10		
3. Área Temática:		
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas		
PESQUISADOR RESPONSÁVEL		
5. Nome: MONICA SOARES		
6. CPF:	7. Endereço (Rua, n.º):	
[REDACTED]	[REDACTED]	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 17981252065	monicasoares rp@gmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Terho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.		
Data: <u>27</u> / <u>03</u> / <u>2019</u>		Assinatura: [REDACTED]
INSTITUIÇÃO PROPONENTE		
12. Nome: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara	13. CNPJ: 48.031.918/0026-82	14. Unidade/Órgão:
15. Telefone: (16) 3301-6224	16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.		
Responsável:	[REDACTED]	CPF: [REDACTED]
Cargo/Função:	<u>Diretor</u>	
Data: <u>28</u> / <u>03</u> / <u>2019</u>	Assinatura: [REDACTED]	
PATROCINADOR PRINCIPAL		
Não se aplica.		

ANEXO B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido Destinado aos Participantes da Pesquisa. Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Desvelando o mundo vivido e a educação sexual de profissionais do sexo, na perspectiva fenomenológica.”. Neste estudo pretendemos investigar profissionais do sexo acima dos 18 anos, como vocês avaliam e compreendem a educação sexual vivenciada em casa, na escola e nos demais ambientes. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é identificar como profissionais do sexo pensam, vivem e sentem a educação sexual, buscando conhecimentos sobre o assunto para vivenciarmos uma sexualidade saudável, segura e emancipatória. Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): encontros no formato de conversa, semelhante a uma entrevista. Nestas conversas abordaremos diversos temas envolvendo a sexualidade. Para participar deste estudo, você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade, sua identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão, deixando claro que sua identidade será sempre mantida em sigilo. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações junto à pesquisadora responsável Monica Soares ou ainda com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” localizada na Rodovia Araraquara-Jaú Km1, Caixa Postal 174, CEP: 14800-901, Araraquara, SP, Brasil, Telefone (16) 3334.6224 ou (16) 3334.6466, Endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br. Estou ciente que o meu responsável poderá modificar a decisão da minha participação na pesquisa, se assim desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Termo de autorização do participante

Esclarecido e concordando com o que foi colocado:

Eu, _____, aceito participar deste estudo, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido(a).

Assinatura do participante: _____

Endereço para contato _____, ___ de _____ 2019.

Assinatura: _____

Pesquisadora: Monica Soares

ANEXO C – Roteiro de caracterização do perfil das colaboradoras

1. Nome
2. Idade
3. Idade que iniciou na profissão
4. Estado civil (casada/parceiro(a) fixo) quanto tempo?
5. Cor/ Etnia/ Raça (autodeclarado)
6. Religião
7. Irmãos
8. Filhos
9. Escolaridade
10. Tempo na cidade atual
11. Local de atuação
12. Classe social
13. Preço do programa
14. Número de programas diários
15. Número de cliente fixo
16. Clientela (homem/mulher)
17. Usa preservativo

ANEXO D – Questionário de classificação econômica desenvolvido pela ABEP

Modelo de Questionário sugerido para aplicação

P.XX Agora vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

INSTRUÇÃO: Todos os itens devem ser perguntados pelo entrevistador e respondidos pelo entrevistado.

Vamos começar? No domicílio tem _____ (LEIA CADA ITEM)

ITENS DE CONFORTO	NÃO POSSUI	QUANTIDADE QUE POSSUI			
		1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de freezers independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?

1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:

1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho

Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

Nomenclatura atual	Nomenclatura anterior
Analfabeto / Fundamental I incompleto	Analfabeto/Primário Incompleto
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto	Primário Completo/Ginásio Incompleto
Fundamental completo/Médio incompleto	Ginásio Completo/Colegial Incompleto
Médio completo/Superior incompleto	Colegial Completo/Superior Incompleto
Superior completo	Superior Completo

SISTEMA DE PONTOS

Variáveis

	Quantidade				
	0	1	2	3	4 ou +
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11
Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louca	0	3	6	6	6
Geladeira	0	2	3	5	5
Freezer	0	2	4	6	6
Lava roupa	0	2	4	6	6
DVD	0	1	3	4	6
Micro-ondas	0	2	4	4	4
Motocicleta	0	1	3	3	3
Secadora roupa	0	2	2	2	2

Grau de instrução do chefe de família e acesso a serviços públicos

Escolaridade da pessoa de referência	
Analfabeto / Fundamental I incompleto	0
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto	1
Fundamental II completo / Médio incompleto	2
Médio completo / Superior incompleto	4
Superior completo	7
Serviços públicos	
	Não Sim
Água encanada	0 4
Rua pavimentada	0 2

Cortes do Critério Brasil

Classe	Pontos
A	45 - 100
B1	38 - 44
B2	29 - 37
C1	23 - 28
C2	17 - 22
D-E	0 - 16

ANEXO E

NOMES	Referências
Gabriela	Gabriela Leite – Prostituta brasileira ativista
Risoleta (Zarolha)	Personagem Jorge Amado – Livro Gabriela
Teresa	Personagem Jorge Amado – Livro Teresa Batista
Elizabeth	Emma Elizabeth – Londres século XIX
Sally	Sally Salisbury – Londres século XVIII
Lucia	Personagem José de Alencar – Livro Lucíola
Geni	Música Chico Buarque – Geni e o Zepelim
Ana Jacinta	Ana Jacinta de São José, conhecida como Dona Beja
Maria	Personagem Jorge Amado – Maria Machado
Eny	Eny Cezarino – Casa de Eny Bauru

